



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZONIA TOCANTINA/FACHTO
CURSO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA MOIA BRITO

**MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS
TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA**

CAMETÁ-PA

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZONIA TOCANTINA/FACHTO
CURSO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA MOIA BRITO

**MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS
TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de História da Amazônia Tocantina (**FACHTO**) do Campus Universitário do Tocantins da Universidade Federal do Pará/UFPA-Cametá como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da professora Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CAMETÁ-PA

2022

JÉSSICA MOIA BRITO

**MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS
TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Andrea Silva Domingues
PPHIST/ UFSC
Avaliadora

Prof.^a M^a. Fernanda Nilvea Pompeu Varela
FAL/UFPA
Avaliadora

*Dedico esse trabalho a todas as mulheres
Umbandista que encontraram nas suas práticas a
sua emancipação e empoderamento, tornando-se
Símbolo de representatividade.*

AGRADECIMENTOS

Á Deus e as Orixás, Caboclos e Santos por guia-me durante toda a minha vida, principalmente durante essa trajetória acadêmica, no qual proporcionou força e luz nos momentos mais oportuno. Tornando-me uma pessoa mais agradecida e feliz por tudo que conquistei até aqui, pelos amigos que conhece e que ficaram para sempre no coração e nas memórias dessa linda Jornada.

Á meus amados pais, **Marly das Mercês Moia** e **Jefferson Ferreira Brito**, especialmente a minha Mãe, que é uma mulher forte, guerreira, batalhadora uma verdadeira heroína da vida real, meu maior exemplo de mãe, filha e mulher que sempre esteve em todos os momentos da minha vida, dos felizes aos tristes, que proporcionou tudo que estava ao seu alcance para que pudesse chegar à onde cheguei.

Á minhas queridas irmãs, **Joyce Moia Brito** e **Luana das Mercês Moia**, por sempre me apoiar em meio as dificuldades dando força e incentivo na busca dos meus objetivos.

Á meu namorado, parceiro e amigo, **David Assunção Rodrigues**, por está ao meu lado nos momentos mais difíceis, por segura a minha mão nas situações de ansiedade e angústia, no qual estimulo-me e incentivou nessa etapa de minha vida.

Á minha Tia e segunda Mãe, **Elizete das Mercês Moia**, por esta sempre em minha vida de todas as formas.

Ao meu padrasto, **Marcelinho de Jesus Pinto Batista**, por todo apoio a mim e a minha mãe durante esta intensa caminhada acadêmica.

Á meu Cunhado, **Nilson Fonseca de Almeida**, pelas inúmeras caronas a Faculdade e por todo apoio.

Á minha querida Professora e Orientadora, **Benedita Celeste de Moraes Pinto**, por todo o apoio e paciência, especialmente nesse momento tão complicado de nossas vidas, a palavra que resumir o sentimento que sinto pela professora Celeste é Gratidão, por ser essa amiga, parceira e exemplo de mulher forte. Obrigada por me acolher como uma filha de celeste, e por não me deixar de fazer acreditar por nem um momento o quanto sou capaz.

Ás **Dona Isabel** e **Dona Graça** por me acolhera em seus lares e permitir o tem experiências incrível, por partilha seus conhecimentos, lutas e desafios,

por mostra o quanto são mulheres fortes que busca todos os dias por meios de suas práticas dá continuidade à sua ancestralidade e fé.

Aos meus amigos do Grupo G2 **Elen Pereira, Neiza Vanessa, Giovanni Araújo** por todas as trocas de afetividade, conhecimentos e compreensão que tiveram comigo nesse momento da minha vida, e pelas forças necessárias para seguir em frente.

Ao meu amigo **Jhone Tavares** que durante um ano e seis meses foi meu parceiro no programa do PIBIB, no qual dividimos momento de intenso aprendizagem e conhecimento que contribuíram de forma significativa na nossa jornada de futuros professores.

Agradeço a todos que fazem parte do quadro de professores(as), técnico e bolsistas da Faculdade de História (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins- UFPA/Cametá, que fizeram parte de minha jornada acadêmica, em especial, a **professora Dr^a Rosimeire Oliveira**, que juntamente com **professora Dr^a Celeste Pinto** representam a força, inspiração de lutas e desafios diante da diretoria da FACHTO.

Gostaria de agradecer à Coordenação do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, que sempre luta incansavelmente para ofertar cursos de graduação na cidade de Cametá e nas cidades onde o referido Campus possui polos Universitário, como: Baião, Mocajuba, Limoeiro e Oeiras do Pará, possibilitando a entrada de mais jovens da região em cursos universitários.

RESUMO

O presente estudo, intitulado, *MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA*, no qual teve como lócus de Pesquisa o Terreiro de Minas da Cabocla Mariana da Mãe Graça e a Tenda do Marinheiro Fernando da Mãe Isabel. Tendo como objetivo geral analisar os terreiros de Umbanda como espaço de emancipação feminina, compreendendo as práticas religiosas como meio de libertação que oportuniza a tomada de consciência sobre o lugar da mulher na sociedade. No mesmo sentido, tem como objetivos específicos identificar as lutas e os desafios das mulheres Mãe-Santo dentro e fora dos Terreiros, visando analisar a importância e o poder na condição de mulher religiosa dentro dos terreiros de Umbanda, buscando mostrar, a partir das perspectivas dessas mulheres, seus trabalhos e ações na busca de seus direitos, sociais, civis e religiosos perante a sociedade. Metodologicamente para a realização das atividades de pesquisas, que originaram o presente estudo, foi feito primeiro um Levantamento bibliográfico de livros, artigos que auxiliaram na descrição, de autores como Judith Butler (1987 e 2016); Joan Scott (1989) ; Pierre Bourdieu (2010) ;Celeste Pinto(2004 e 2010) que possibilitaram a compreensão e explicação a respeito das temáticas de ancestralidade, religiosidade afro-brasileira, assim como, as relações de gênero e representatividade Feminina. Em seguida, foi realizada a pesquisa de Campo como as Mães-Santos do Município de Cametá, a partir de gravação de entrevistas, conversas informais e registros fotográficos. Dados da pesquisa apontam que, mesmo os Terreiros ao longo da historiografia sendo caracterizados de forma negativa, marginalizados, foi por meio desse espaço e suas práticas que essas mulheres se tornam independente financeiramente, assim como, conquistam seus espaços e visibilidade perante a sociedade, através suas lutas ocuparam lugares de liderança, sendo exemplo de mulheres que por meio de suas vivências e práticas cotidianas, manter presente a sua religiosidade e ancestralidade.

Palavras-chave: Mulheres Umbandista; Liderança; Representatividade, Gênero e Empoderamento.

ABSTRACT

The present study, entitled, MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA, in which the research locus of The Terreiro de Minas da Cabocla Mariana da Mãe Graça and the Tent of sailor Fernando da Mãe Isabel. Having as general objective to analyze the terraces of Umbanda as a space of female emancipation, understanding religious practices as a means of liberation that opportunities to become aware about the place of women in society. In the same sense, its specific objectives are to identify the struggles and challenges of Mãe-Santo women inside and outside the Terreiros, aiming to analyze the importance and power in the condition of religious women within the terraces of Umbanda, seeking to show, from the perspectives of these women, their work and actions in the search for their rights, social, civil and religious before society. Methodologically for the realization of the research activities that originated the present study, a bibliographic survey of books was first made, articles that assisted in the description, of authors such as Judith Butler (1987 and 2016); Joan Scott (1989); Pierre Bourdieu (2010); Celeste Pinto (2004 and 2010) that allowed the understanding and explanation of the themes of ancestry, Afro-Brazilian religiosity, as well as gender relations and female representation. Then, the field research was carried out as the Holy Mothers of the Municipality of Cametá, from recording interviews, informal conversations and photographic records. Data from the research indicate that, even the Terreiros throughout historiography being negatively described, marginalized, it was through this space and their practices that these women become financially independent, as well as, they conquer their spaces and visibility before society, through their struggles occupied positions of leadership, being an example of women who through their daily experiences and practices, keep your religiosity and ancestry present.

Keywords: Umbandista Women: Leadership; Representation; Gender and Empowerment.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Localização de Cametá-Pará.....	34
Imagem 02: Tabela das Religiões do Município de Cametá-PA.....	34
Imagem 03: Congá de Dona Isabel.....	41
Imagem 04: Terreiro de Mãe Graça.....	44
Imagem 05: Altar dos Santos, Caboclo e Orixás.....	44
Imagem 06: Terreiro decorado para Iniciação.....	46
Imagem 07: Momento da colocação dos Guias.....	49
Imagem 08: Momento do transe.....	50
Imagem 09: O canto a Dom José.....	51
Imagem 10: O canto a Oxalá.....	51
Imagem 11: A Incorporação da Cabocla Herodina.....	52
Imagem 12: Mãe Graça em frente ao altar.....	52
Imagem 13: Altar a Iemanjá.....	54
Imagem 14: Altar a Iemanjá na Praia.....	55
Imagem 15: Incorporação da Sereia Janaina.....	56
Imagem 16: Roda de Dança dos Médiuns.....	57
Imagem 17: Entregas das oferendas.....	58
Imagem 18: Banho de Cheiro.....	59
Imagem 19: Momento de Agradecimentos a Iemanjá.....	59
Imagem 20: Altar a Iemanjá no Terreiro.....	59
Imagem 21: Os médiuns cantado.....	60
Imagem 22: Cabocla Mariana em frente ao Tambor.....	60

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
------------------------------------	-----------

CAPÍTULO I

MULHERES DE FÉ: GÊNERO, EMPODERAMENTO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA.....	16
---	-----------

1.1 Gênero: A construção da relação de poder.....	16
1.2 Empoderamento das mulheres umbandista na construção da identidade feminina.....	22
1.3 A Representatividade da mulher religiosa na Umbanda.....	26

Capítulo II:

TERREIRO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA EMANCIPAÇÃO FEMININA.....	32
---	-----------

2.1 Os Terreiros do Município de Cametá.....	32
2.2 As Lutas e os Desafios das Mulheres Religiosas Dentro e Fora dos Terreiros de Cametá.....	39
2.3 Os Preparativos que Envolvem a Iniciação Feminina na Umbanda.....	47
2.4 Festejo de Iemanjá- A Importância da Simbologia Do Sagrado Feminino...53	

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
--	-----------

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo, intitulado, **MULHERES UMBANDISTAS: LIDERANÇA E EMPODERAMENTO NOS TERREIROS DA CIDADE DE CAMETÁ/PA**, tem como perspectivas compreender como essas mulheres por meio da religião vem ocupados espaços que historicamente e culturalmente foram excluídas, principalmente, diante de uma sociedade machista e misoginia.

Nessa direção, torna-se essencial a discussão sobre representatividade das mulheres nos terreiros de Umbanda no município de Cametá e como tornou-se ao longo tempo palco de práticas e ações libertadoras que evidencia as lutas e conquistas dos espaços femininos diante da sociedade de raízes patriarcal. Diante disso, que este estudo traz as experiências cotidianas de mulheres Umbandistas que têm suas vidas marcadas pelas lutas como mulheres, negras, mães e líderes de seus Terreiros.

Logo, a Umbanda é uma religião afro-Brasileira que foi constituída a partir de trocas de valores e mistura de conceitos oriundos das religiões Católica, Espírita, Africanos e Indígena (principalmente nas regiões Amazônicas). No entanto é importante destaca que na Umbanda assim como em outras religiões de matrizes africanas as mulheres ocupam lugares de liderança e importância construída por meio de longo processo de resistência e representatividade da força e do poder feminino (MOITA, 2017, pag.02).

É diante desse cenário que as discussões em torno da temática têm suma relevância social, histórica e cultural, para analisa e compreender como os terreiros de Umbanda tornou-se palco de conquistas de direitos sendo um espaço que proporcionar a essas mulheres fazer diversas discursão em torno de questões como ancestralidade, religião, gênero e representatividade.

O presente estudo justifica-se como fundamental por discorrer sobre a representatividade das mulheres nos terreiros de Umbanda que historicamente torna-se um ambiente que possibilita a emancipação feminina por meio de práticas de libertação e ações que oportuniza a tomada de consciência sobre o lugar que deve ocupar. Principalmente diante de uma sociedade machistas que

tem e suas raízes a naturalização da inferioridade e subordinação social e religiosa em relação da mulher ao homem, sendo recorrente de um discurso enraizado que autorizar o lugar hegemônico do masculino e a conservação da cultura patriarcal.

Diante de cenário que o estudo tem como proposta evidenciar como os terreiros de Umbanda que são espaço religiosos, marginalizados socialmente, possibilitar a desconstrução e libertação das mulheres em relação as normas patriarcais que excluem as mesmas de seus direitos sociais, civis e religiosos.

Segundo Bastos,

“Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição maior de destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é a missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois a grande maioria Caboclo das Sete Encruzilhadas de bispos é do sexo masculino. Há pouco tempo, começaram a surgir timidamente, algumas mulheres nessa posição” (BASTOS,2009, p. 156).

Nessa direção é importante expor que a Umbanda é uma religião afro-brasileira onde a mulher ocupa um espaço importante de liderança, mesmo diante de uma sociedade machista e excludente. No sentido que na religiosidade afro-brasileira as mulheres possuem uma representatividade essencial ocupado papéis como de líderes de terreiros, sendo agentes de um processo de resistência, rompendo com modelos eurocentrados onde a pensamento gira em torno do “ideal” do patriarcal (MOITA,2017, pag. 02)

Logo, meu interesse pela temática deu-se principalmente, a partir das experiências vivenciadas no terreiro da Dona Isabel, uma senhora Umbandista que possui grande representatividade dentro do grupo da Umbanda na cidade de Cametá, assim como, na religião católica, atuando na Comunidade de São Pedro, onde exerce o trabalho de Catequista do grupo de jovens. Assim, como as experiências Espiritual que tiver no decorrer da minha vida com a Umbanda despertou em mim o interesse de estudar sobre essa Religião, através da diversas discursões que ocorrer na Curso de Licenciatura Plena História proporcionar aprimorar meus conhecimentos acerca de gênero, ancestralidade e representatividade.

Por essa razão, trago a importância de trabalhar tal estudo que é fundamental dentro do Campo Histórico, essencialmente, para entender por meio do processo historiográfico, as lutas, os desafios, que as mulheres Umbandista enfrenta diante da sociedade machista, onde a relações de gênero estão enraizadas de acordo com a configuração patriarcal, transformando suas Histórias e realidade numa representatividade feminina dentro do terreiro que expandem para a sociedade.

De acordo Marina Maluf,

A história das Mulheres não poder ser construída à margem da História oficial, mas em diálogo/ confronto com ela. Se de um lado seu registro abandona os temas padronizados da experiência masculina e procura avivar a visibilidade das mulheres, de outro tem que considerar que a constituição do masculino e do feminino enquanto identidade de gênero uma construção histórica que só ganha realidade se mostrada dentro de um sistema de relações que implicam dominação, tensão, resistência. Qualquer informação sobre a questões das mulheres, implica necessariamente, em informação sobre os homens. (MALUF,1995, p.19-20 apud PINTO, p.06)

Nesse sentido, a pesquisa buscou evidenciar as questões de gênero para além dos discursos de vitimização, fragilidade e passividade e dependência da mulher. O estudo em si proporcionar compreender que as mulheres desempenham papéis sociais que vão além da divisão do “o que é ou não coisa de Mulher”, e como por meio do Campo religioso e no exercício de suas práticas Possibilitar a elas a construção de suas independências econômicas, sociais e religiosas.

De acordo com a autora Pinto a respeito dessas mulheres:

A ideia de “fragilidade”, “dependência” e “submissão” feminina tornou-se bastante complexo, pois depende muito do contexto em que a mulher está inserida e dos seus espaços simbólicos. Analisando as atividades desempenhadas pelas mulheres negras rurais, suas relações de gênero e suas experiências históricas percebe-se que nelas se expressam densos significados sociais e simbólicos de força, luta, individualização e poder (PINTO, 2004, p.152).

A problemática dessa pesquisa se expressa na seguinte pergunta: No contexto constituído pela sociedade em relação a desigualdade de gênero e da discriminação religiosa, como os terreiros de Umbanda tornaram-se importantes

espaços de resistências e representatividade das mulheres? Partindo de tal questionamento o presente estudo tem como objetivo geral analisar os Terreiros do Caboclo Marinheiro Fernando, da Mãe Isabel e O Terreiro de Minas da Cabocla Mariana, da Mãe Graças, fazendo uma análise de como esses espaços possibilitaram, por meio das suas práticas a tomada de consciência sobre o lugar da mulher na sociedade assim como sua emancipação financeira, social e religiosa.

No mesmo sentido, tem como objetivos específicos identificar as lutas e os desafios dessas mulheres, Mães-Santo, dentro e fora dos Terreiros, visando analisar a importância e o poder, que essas mulheres religiosas conquistaram, dentro dos terreiros de Umbanda, buscando compreender, a partir das perspectivas e experiências dessas mulheres, seus trabalhos e ações na busca de seus direitos, sociais, civis e religiosos perante a sociedade.

Metodologicamente para realização das atividades de pesquisa, foram feitas em duas etapas. Na primeira se fez um Levantamento bibliográfico de livros, artigos, dissertações que auxiliaram na descrição, compreensão e explicação a respeito das temáticas ancestralidade, religiosidade afro-brasileira, assim como, as relações de gênero e representatividade e empoderamento feminina, nessa direção foram utilizados autores e autoras como por exemplo: Judith Butler (1987 e 2016), Joan Scott (1989) e Benedita Celeste (2010), que têm como foco em suas análises gênero e a questão do feminino. Assim como, Pierre Bourdieu (2010) que analisa como o regime patriarcal acabou por praticamente tornar-se uma regra nas sociedades em geral.

Na segunda etapa, foi realizada a pesquisa de Campo nos terreiros, do Caboclo Marinheiro Fernando e no Terreiro de Minas da Cabocla Mariana, a coleta de dados ocorreram, a partir de entrevistas realizadas com a Dona Isabel, via celular, devido a mesma encontra-se no momento em outro Estado e com Dona Graças, no qual a entrevistas aconteceu em seu Terreiro. Logo, as informações coletadas ocorreram mediante gravação de entrevistas, conversas informais e registros fotográficos, que foram realizados por mim no decorrer da pesquisa, com a devida autorização das Mães de Santo e dos Caboclos, especialmente, no momento das festividades em que as mães estão incorporadas pelas entidades e nesse momento são os Caboclos que interagem e autoriza o que se pode fazer.

Nestas condições, fizemos usos de métodos e técnicos da história oral, uma vez que a história oral é uma metodologia de pesquisa que se caracteriza pela produção e gravação de entrevistas com pessoas que narram a respeito de acontecimentos e modos de vida. Portelli afirma que a história oral é uma metodologia de pesquisa diferente, visto que nos conta menos sobre eventos que sobre significados, através da história oral podemos conhecer eventos até então desconhecidos, “entrevistas revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 31).

É necessário evidenciar que devido principalmente ao momento excepcional de Pandemia do covid-19, durante a pesquisa de Campo foram essenciais seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde, então só foi possível realizar a coletas de dados a partir de setembro de 2021, quando os terreiros voltaram a funcionar com números restrito de Participantes.

Nesse sentido, o presente estudo está dividido em dois Capítulo. O primeiro intitulado **Mulheres de Fé: Gênero, Empoderamento e Representatividade Feminina**, trata sobre o processo de empoderamento e representatividade a partir das análise das relações de poder oriunda das questões de Gênero, através de uma perspectiva que compreender e analisa as experiências vividas por mulheres no campo da religiosidade, mais especificamente nos espaços umbandistas, religião de matriz afro-brasileira.

O segundo capítulo Intitulado: **Terreiro espaço de construção da emancipação feminina do empoderamento feminino**, trata sobre como terreiro de umbanda tornou-se ao longo da Historiografia um espaço de emancipação feminina por meios das práticas religiosas que proporcionaram a suas praticantes de libertação e sua autonomia no qual evidenciar que no espaço religioso, ainda que marginalizado socialmente, é possível por meio desse espaço a desconstrução e libertação dos preconceitos e normas patriarcais que excluem as mulheres de seus direitos.

CAPÍTULO I

MULHERES DE FÉ: GÊNERO, EMPODERAMENTO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA

1.1 Gênero: A construção da relação de poder

Há vários estudos acerca do conceito de gênero que possibilita uma ampla compreensão do significado do mesmo, principalmente nas definições acerca das construções dos estereótipos sexuais, o que gerou diversos conceitos e questões referente ao gênero e sua diferença em relação ao sexo (GOMES,2019, p.22) .Em grande parte dos estudos de autores e autoras, como Joan Scott, vão destacar que a construção de gênero se dá a partir da diferenciação do sexo, dividido entre feminino e masculino é que essa é a base principal para estabelecer as relações de poder a partir da construções das estruturas sociais. Logo a autora Joan Scott descreve que:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1989, p.21).

Com relação ao exposto acima é possível entender que o gênero é o elemento inicial no que constituem as relações de poder, interferindo diretamente na maneira em que nós colocamos em sociedade, ou seja, na questão comportamental, nas questões mentais, ideológicas, assim como no controle dos corpos, nos campos profissionais em diversos outros setores, no qual exercer influência direta no que diz respeito as relações de poder que são produzidas, reproduzidos e naturalizados ao longo da historiografia(GOMES,2019, p.30).

Logo, a partir da questão do gênero é possível identificar a relação de poder construída socialmente que permite a naturalização da inferioridade da mulher, pautadas em justificativas biológicas, psicológica, sociais, culturais e religiosa, o que interferem diretamente na construção dos papéis sociais de cada

gênero principalmente em relação ao lugar da mulher na sociedade (GOMES,2019, p.31).

O gênero a partir suas definições acaba por determina como ocorre as construções das estruturas de poder no campo social, cultural e Religioso, no qual se manifesta em grande parte de maneira explícita. Com isso, acaba também sendo uma interposição direta nas relações poder, baseando-se nas diferenças entre os sexos. Como aponta o autor Bourdieu

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2010, p. 17)

Diante desse fato o uso do termo gênero tornou-se uma questão relevante para entender as desigualdades e preconceitos e discriminação que as mulheres sofrem principalmente em uma sociedade machista que tem como principal pilar a dominação masculina que é fruto da ideologia patriarcal. Nessa direção para Pereira e Filho, (2018, p.82), “O conceito de gênero inclui diversos componentes, como identidade, valores, prestígio, regras, normas, comportamentos sentimentos entres outros. As relações de gênero são, portanto, construídas pelas sociedades”.

Com isso as questões de gênero, exposto nesse trabalho, estão pautadas nas dimensões de gênero e poder, principalmente no que diz respeito ao enorme impacto que tem na relação entre homens e mulheres, o gerar a desigualdades, discriminação e preconceitos.

O autor Scott afirma que:

“O gênero torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si (...). O gênero é, portanto, então, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (Scott ,1989, p. 22-23).

Logo, torna-se evidente que a partir das questões de gênero são reproduzidas e construídas as relações de poder nas estruturas sociais, contribuído de forma velada para solidificação do discurso dominante sendo

difundido e partilhado e todas as esferas da vida, mantendo assim a perpetuação das desigualdades, discriminação e o sexíssimo em torno da figura da mulher.

O termo gênero é bastante amplo e complexos, mas nessa pesquisa busca-se analisar gênero a partir da sua categoria e suas construções sociais, no qual a sociedade produz e reproduz, normas, condutas e padrões do que dever ser homens e mulheres, ocasionado a idealização da subalternização feminina (GOMES,2019, p.27).

Tais práticas que são provenientes do discurso patriarcal criar aos homens uma ilusão de poder e posse sobre as mulheres, ocasionado atos de violência física, psicológica, simbólica, financeira, dentre outras, tornando-se um cotidiano na vida das mulheres (GOMES,2019, p.33). Essa ideologia de poder masculino tem e suas estrutura que autor Bourdieu chama de força ou poder simbólico.

É uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só funciona com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2010, p. 50-51).

Logo, e possível entender que por meio das questões de gênero estão marcados diversos fatores de poder e de hierarquia nas sociedades, no qual possuir interferência nas relações entre homens e mulheres. Desta forma, ocasionado as mulheres as posições de subalternidade, que se repete ao longo da historiografia, em diversos momentos, sendo reforçada por padrões naturalizados nas atividades do dia a dia, seja na vida profissional, familiar, social ou religiosa.

No entanto é importante expor que a de acordo com Gomes a questão sexual, também e dos motivos de controle nas sociedades patriarcais, no que diz respeito ao controle estabelecido sobre o corpo feminino, desde do nascimento, no qual possui raízes não só na dominação masculina, mas, também, em algumas crenças religiosas. A todo o momento as mulheres se controlam e são controladas em questões suas vestes, falar, comportamentos, atos entre outros (GOMES,2019, p 37).

A opressão dos homens sobre as mulheres, está presente em diversas estruturas da sociedade. Para Bourdieu as principais bases estão pautadas em

pilares como a família, a igreja e a escola. Segundo o autor essas são principais estruturas que incitar as relações de poder, de acordo com o trecho abaixo:

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita da linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajés, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. [...] E, por fim, a escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas (...), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens em si mesmo (BOURDIEU, 2010, p. 103-104)

Nessa direção pode-se entender que a questão de gênero tem suas interfaces nas relações de poder, com raízes profundas nos campos Familiar, Religioso e educacional, caracterizado como os principais reprodutores de padrões patriarcais que contribui para uma visão machista, em relação as mulheres no qual naturalizado como algo normal.

Diante desse cenário, cada vez mais, torna-se importante a luta por direitos iguais, principalmente no que diz respeito a conquista da autonomia feminina referente aos seus corpos e a sua liberdade. Nesse sentido que movimentos feministas, busca em seus objetivos a luta pelos direitos civis, sociais e religiosos e todas as esferas.

O movimento feminista surgiu no final por volta de 1960, sendo caracterizando como um fenômeno político-social que busca em suas pautas a defesa da igualdade de gênero e a reivindicação aos direitos das mulheres em todas as esferas sociais, assim como a garantia ao acesso à educação, ao voto

a igualdade de salários, além do direito autônomo das mulheres sobre de seus corpos e sua sexualidade (GEBARA, 2019).

E notória as conquistas alcançadas pelo movimento feminista, suas realizações em relação aos direitos das mulheres, principalmente diante de uma sociedade machista que em tem enraizados em suas estruturas sociais, familiares e religiosas o discurso da subordinação da mulher ao Homem. (GOMES, 2019, p. 39)

Logo, Segundo Celi Pinto, o movimento feminista consiste em si como um movimento libertário, que não busca somente o espaço da mulher, no trabalho, vida pública, na educação, na política e na religião, mas tem suas lutas pautadas nos ideais da construção de novos relacionamentos entre homens e mulheres, para que as mesmas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p.16)

A luta pelos direitos das mulheres não é uma questão recente, mas sim, fruto de conquista que ocorreu ao longo da historiografia o que demonstra o quanto é difícil e longa a busca por direitos iguais entre homens e mulheres, principalmente diante da construção histórica da relação de poder do masculino sobre o feminino oriundo do gênero e das mentalidades patriarcais. Nesse sentido que há busca por direitos igualitários são travados principalmente nos campos sociais, políticos e religiosos.

O campo Religioso segundo BOURDIEU (2010) “é um dos pilares da relação de poder do homem sobre a mulher, a partir desse pressuposto que pesquisa busca contribuir para uma análise sobre a representatividade das Mulheres Umbandistas, que por meio da religião encontram o caminho para intensificar suas lutas e a conquista de seus espaços diante de uma sociedade, preconceituosa, machista, sexista e racista.

Dentro da religião afro-brasileira como a Umbanda, Mulheres ocupam lugares de liderança e importância, baseado no discurso de igualdade e democracia que reflete diretamente por meio de suas práticas, tal atitude representa uma ruptura como os modelos eurocentrados em relação ao papel da mulher. Sobre a representatividade delas nesse espaço Moita aponta: “São Mulheres que além da direção dos cultos religiosos, lutam e ocupam outros espaços na sociedade, projetando assim a reconquista das mulheres em espaços historicamente negados” (MOITA, 2017.p.03).

Possibilitando uma nova configuração através da religião no qual relevam uma perspectiva distinta das relações de poder existe na sociedade, sendo que os papéis dentro da Umbanda não são hierarquizadas baseadas na subordinação das mulheres em relação ao Homem, ao contrário elas desempenham funções que são atribuídas de forma igualitária, onde a Mulher ocupa espaço de Líderes e Donas dos seus Próprios Terreiros, empoderando-se e empoderando mulheres através de suas práticas e trabalhos no qual desenvolve um papel que reflete para além do Cenário religioso.

Logo, a discussão em torno do papel da mulher na sociedade brasileira tem constituído uma temática bastante complexa, tendo em vista que historicamente foram elas que lutaram para garantir seus direitos perante uma sociedade machista e patriarcal e que atualmente vem ocupando por meio de muitas lutas posições importantes nos meios sociais, político, cultural e religioso (MOITA, 2017, p.03)

Em meio a esse contexto que falar sobre as mulheres Umbandista é importante para entender como por meio da Religiosidade de Matriz Africana, mesmo sendo espaço historicamente marginalizados, essas mulheres através de suas práticas constituíram-se como fundamentais na história da sociedade brasileira. Conhecidas como mulheres do axé, senhoras do ilê, herdeiras do axé e Mães de santos, elas possuem uma história de luta e resistência diante de uma sociedade Machista, Racista e Sexista.

Contudo, foram essas mulheres que no seu cotidiano por meio de suas práticas busca desconstruir essa lógica patriarcal e excludente que historicamente, organizou e constrói a sociedade, o que implica diretamente nos modelos e paradigmas dos indivíduos em relação ao poder e posição que ocupa nessas estruturas sociais, que perpassam pela construção histórica, social e cultural, daquilo que reproduzimos e legitimamos em nossa vida. (MOITA, 2017, p.04).

1.2 Empoderamento das mulheres umbandista na construção da identidade feminina.

Quando se trata das questões em torno do conceito de empoderamento vários significados surgiram do próprio termo que tem sua origem na palavra inglesa *empower* (empoderar) que em 1651 foi usado pela primeira vez com significado de “dar poder ou habilidade a alguém” (Berth, 2019 p.28). Logo tal colocação empoderamento é caracterizada como uma diversidade de atividades que vão desde a autoafirmação individual até uma resistência coletiva e protestos que busque desafiar as relações de poder. (SHARMA, 1992, p. 28).

Na década de 60, no que se refere ao conceito de Empoderamento Paulo Freire criou a teoria da conscientização crítica no qual expôs que grupos oprimidos teriam condições de desenvolver habilidades para empoderar-se e que isso os encaminharia para o processo de sua libertação. Logo para Freire o empoderamento era ato coletivo que aconteceria na medida em que os grupos oprimidos desconfiassem das intenções das classes dominantes e das estruturas de poder, fazendo do empoderamento um ato social (ARAUJO, 2020, p.246)

Historicamente o termo empoderamento só foi introduzido pelo movimento feminista a partir da década de 80, quando o movimento denunciou que os oprimidos tem classe social, no entanto têm também outras intersecções como gênero, raça, sexualidade e outras categorias essa nova colocação caracterizou o conceito de empoderamento dos subalternos. (ARAUJO, 2020, p.249)

Nessa direção e por meio desse conceito que o Empoderamento feminino se tornou o caminho para combater as estruturas da ordem patriarcal que sustenta as opressões de gênero. O empoderamento possibilita as libertações das mulheres dessas amarras sociais oriundas do patriarcalismo e da dominação masculina, pois permite as mulheres lutar pelos seus direitos e espaços sociais. Nesse sentido que Sardenberg, conceitua empoderamento feminino:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino

americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. (SARDEMBERG, 2012, p. 2).

Para autora o Empoderamento feminino é a forma em que as mulheres buscaram para entender as opressões ao quais são subordinadas, oriundas da sociedade machista e sexista, em paralelo a isso encontra caminhos para transformar tais estruturas tanto no campo individual quanto no coletivo. Nesse sentido que o empoderamento feminino torne-se importante na lutar pela liberdade das mulheres seja no campo social, educacional, político e religioso mesmo diante de uma sociedade extremamente machista e desigual que marginaliza tudo aquilo entende como “minoria”.

Logo, compreende-se que o empoderamento tornou-se parte do processo de luta, que tem como perspectivas a busca do fim da opressão sobre as mulheres que vai muitas além de colocá-las em lugar de igualdade de oportunidade com o gênero masculino, trata-se de construir novas relações social, política, cultural e econômica (SANTOS, OLIVEIRA, 2010, p.14).

Principalmente diante de sociedade de carregar em suas “bagagens” a naturalização da dominação masculina, no quais as mulheres sofrem diversas violências físicas morais, mentais em todos os lugares, onde busca de todas as formas silenciá-las ainda sobre a justificativas de que “isso é coisa de mulher, ou “o que ela poder ou não fazer” como uma forma de legitimação da superioridade masculina seja ela de maneira implícita ou explícita.

Diante desse fato que na Umbanda o empoderamento é um instrumento utilizado pelas mulheres para modificar suas próprias ideias sobre as pessoas no mundo e ao seu redor a partir desse investimento em si mesmas, na Umbanda, pode-se considerar o uso da palavra empoderamento dá-se por meio de duas situações. A primeira consiste numa atuação que levou essas mulheres a elevaram seu padrão de autoestima por meio de suas práticas, e outra construíram possibilidade de renda independente. (ARAUJO,2020, p. 250) De acordo com esse fato Costa expor que,

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro das famílias, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos

homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que refere ao controle dos seus corpos, da sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (COSTA, 2014, p07).

As mulheres umbandistas tiveram um empoderamento na medida que suas atuações dentro das estruturas sociais torna-se um ato de resistência por meio da religião, transcendendo os espaços que ao longo da historiográfica foram negados. Fazendo uma atuação que abrange as lutas contra as desigualdades de classe e de gênero.

As religiões afro-brasileiras são alvo de discriminação e de forte preconceito. Considerando que até a metade do século XX a população negra era perseguida pela polícia no Brasil e seus cultos proibidos, desmistificando a ideia de democracia racial no Brasil, negados aos negros e negras de manifestar sua religião que era considerada inferior por ser de preto (PERREIRA, 2008, p.95).

Tais práticas religiosas foram ao longo da história brasileira demonizadas e marginalizadas, vista como problema a ser resolvidas, não foi à toa que diversas políticas foram criadas com a tentativa de eliminar o povo negro, como exemplo disso o processo de embranquecimento, que tinha como objetivo a extinção do negro, por meio da “mistura” entre os negros e brancos. Tal política e resultado de um processo excludente, que a população negra viveu e ainda vive hoje. (DOMINGUES, 2011)

Diante desse contexto de longos anos de proibição, perseguição e discriminação o povo negro encontrou maneira e estratégias para exercer sua religiosidade. A Umbanda, Candomblé, Tambor de Minas Entre Outras religiões afro-brasileira torna-se símbolo de resistências de uma cultura que luta todos os dias para manter-se em meio a uma sociedade desigual, machista e racista. O torna a análise do papel das mulheres umbandista na construção da identidade feminina ainda mais importante para entender como elas conseguiram ocupar os espaços de liderança dentro dos terreiros, mesmo sendo duplamente oprimidas, por serem mulheres, e negras, assim com enfrentar no seu dia-a-dia a intolerância religiosa que tanto assolar a sociedade brasileira.

Logo, o Empoderamento dessas mulheres são determinantes por meio de suas experiências para a construção identitária, pois, além dos aspectos

históricos que as levaram a ocupar lugares centrais dentro das religiões de matriz africana no Brasil, mas também em quem elas são e de como desenvolver a sua atuação nos mais diversos âmbitos da sua vida social e política, econômica, uma vez dentro da própria história das divindades africanas, o aspecto feminino assume papel central, personificado através das narrativas da vida de deusas guerreiras (BASTOS, 2011, p.10).

A Umbanda que é um espaço religioso marginalizados socialmente tornou-se uma resistência cultural e até mesmo lugares onde possibilitar a desconstrução e libertação das mulheres em relação as construções patriarcais e raciais que as excluem as mesmas de seus direitos civis e sociais e religioso. Nesse sentido A autora Cantuário pontuar.

A mulher tem assumido um papel preponderante na preservação do patrimônio cultural e religioso no nosso País, pois até hoje educam, socializam e propagam os valores humanos fundamentais. As mulheres conseguiram revalorizar em muito as religiões afro-brasileiras, resistindo e preservando cosmogonias ritos e símbolos de grande valor. No entanto, essa participação das mulheres não se deu no campo religioso sem influência dos parâmetros patriarcais e autoritários da nossa cultura. (CANTUÁRIO, 2009, p. 20).

Dentro da umbanda a mulher desempenha funções fundamentais de líderes de seus próprios terreiros, tornado símbolo de empoderamento de mulheres que por meio da religiosidade buscaram estratégias para construir sua identidade, principalmente diante de um contexto de opressão. Pode ser considerado um movimento de emancipação por elas protagonizado, no quais suas pautas sustentam-se por meio de suas práticas (SANTOS, 2018, p.37).

E necessário evidencia a maneira como se configura as relações das mulheres através do campo da religiosa afro-brasileira, que se dá por meio do sagrado permitido um resgate de sua identidade afroancestral, que ocorrem através de suas experiências atingem as suas percepções auto valorativas. Principalmente depois de historicamente terem sido submete às mais variadas formas de negação de si e de seus/suas semelhantes, ocasionado a negação ou esvaziamento identitário, oriundo do embranquecimento simbólico e do apagamento dos aspectos históricos. (PETIT; ALVES, 2015).

Assim com as outras religiões de matriz África a Umbanda realiza sua atividade por meio das experiências dos seus membros tanto nos aspectos

comunitários assim como no individual, na busca pela construção da identidade por meio da valorização de si, assim como na preservação da memória coletiva e da resistência diante de uma sociedade extremamente racista, sexista e preceituosa que busca de todas as formas deslegitima todas as conquistas dessas mulheres.

Nesse sentido, que as atuações das mulheres no terreiro caracterizam-se um ato política, social e cultural, no qual desenvolver-se a partir da necessidade de preservação identitária e de articulação de outras formas de resistência capazes de atingir as pautas e especificidades em relação as questões de gênero, raça e classe existente na realidade dessas mulheres. (SANTOS,2018, p.31)

Assim é notório que, referente as outras denominações religiosas, as religiões de matriz africana constituem espaços nos quais as mulheres tem acesso à altos cargos na estrutura hierárquica dos terreiros, sendo Candomblé e Umbanda estruturas religiosas e sua grande maioria lideradas por mulheres. No entanto sobre esse apontamento, não busco realizar uma comparação entre as instituições religiosas, mas sim fazer uma reflexão acerca do papel desempenhado pelas mulheres que estão, muitas vezes, à frente de terreiros e que, por meio de uma religião pode exercesse fortes influências processos de empoderamento e emancipação (OLIVEIRA, 2008).

Entretanto não são fáceis os caminhos percorridos por elas nesse processo de empoderamento e fortalecimento identitário afrodescendente, principalmente diante de uma sociedade que busca a todo custo deslegitimar os seus discursos e as invisibilizam. Nesse sentido que as lutas e conquistas desse mulheres tornam-se um elemento inspirador para que as mesmas busquem rompendo com as amarras da dominação social, emocional e psicológica, e com isso empodera-se, para cada vez mais, reconquista espaços onde historicamente foram excluídas por uma lógica de subalternização e inferiorização (MOITA, 2017, p.05).

1.3. A Representatividade da mulher religiosa na Umbanda

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que tem na sua origem as influências do Candomblé, do Cristianismo e do Espiritismo, caracterizada por muitos autores como uma religião tipicamente Brasileira. Enquanto no que diz sua criação não se tem com precisão quando ocorreu, os registros encontrados sobre a Umbanda são aqueles com referência a fundação da Casa Espiritual do médium Zélio de Moraes Chamada de Tenda da Nossa Senhora Da Piedade, onde boa parte das informações foi escrita através de fontes orais (JARDIM, 2017.p.68).

Assim, a histografia da Umbanda está diretamente ligada com a História de Zélio de Moraes, um jovem de 17 anos que morava em Niterói no Rio de Janeiro nos anos de 1908, que ao apresenta características “estranhas de comportamentos”, foi levado pelos seus pais a procura ajudar no Centro Espíritos Kardecista, durante a sessão o Jovem começou a manifesta presenças entidades que se diziam ser de índios e negros, até o momento que uma das entidades apresentou-se como caboclo das sete Encruzilhadas, os membros que coordenavam a sessão exigiram que tal entidade retira-se da presença deles pois tratava seres espiritamente atrasados (JARDIM, 2017.p.65).

Diante dessa afirma o caboclo manifestando em Zélio declaro que sua missão era dar voz aos índios e negros, que seu propósito era ajudar por meio dos seus conhecimentos os mais humildes e assim praticar a caridade, e que a partir desse momento fundaria uma nova religião chamada Umbanda. “Será uma religião que falara aos humildes, simbolizando a igualdade que dever existir entres todos os irmãos, encarnados e desencarnadas (BARBOSA JR;2016, p.19-20).

Foi no dia 16 de novembro de 1908, na residência do próprio médium Zélio seria fundada o primeiro templo para a prática da nova religião chamada Umbanda, no qual dominou o espaço com Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, torna-se um lugar de conhecimentos e de práticas de curas aos doentes de diversos males. E a partir da primeira Tenda outras foram fundadas com intuito de difundir e leva cura e consolo a todos aqueles que precisava.

A Umbanda começa espalha-se para outros Estados a partir dos ano de 1920, No Pará não se tem com precisão quando A Umbanda chegou no Estado Paraense, os registro que ser tem são que as religiosidade de Matriz Africana e Indígena, aparecer em Belém no período conhecido como ciclo da Borracha sendo um momento marcado por intensa migração para as regiões Amazônica, aonde as notícias referidas nos jornais e ocorrências policiais como “batuques” começaram a circular sobre as práticas por exemplo do Tambor Mina , trazidas pelos imigrantes Maranhenses (SANTOS, 2012,p.63).

E necessário evidência que as religiosas de matriz africanas na Amazônia como a Umbanda têm influências direta do chamando Xamanismo Indígena, conhecidos popularmente como Pajelança, que são Práticas religiosas Indígenas, que utiliza as forças da natureza e dos chamados encantos, no qual os rituais são realizados pelo pajé que é a líder religiosa que foi escolhida pelos Caruanas para fazer os trabalhos de cura.

Nesse período histórico o autor Aldrin Filgueira descreve que tais práticas eram comuns sair nos jornais locais, como: batuque, feitiçaria, sendo descritos como embusteiros e charlatões, que realizada de forma ilegal o uso da medicina ocasionado perseguições pela polícia, criando na população o medo e preconceitos em relação aos praticantes dessa Religião (FILGUEIRA, 2008).

E possível entender que as origens das Religiões de matriz Africana no Pará, seja, A Umbanda, Candomblé, o Tambor de Mina, entres outras, que ao estabeleceu em Belém, mistura-se ao catolicismo e a pajelança, fruto do intenso processo de imigração que ocorreu na Amazônia, que foi muito incentivada e até mesmo forçada como o que ocorreu com negros africanos que foram trazidos como escravos. Diante disso a autora Pereira destaca que:

A imigração, é um dos principais processos da dinâmica populacional, significa mudança. e toda mudança produz alteração, maiores e menores, tanto nos indivíduos que trocam de local de residência quanto locais que os recebem, isso em todas as instâncias da vida, e neste caso particular, sobretudo no âmbito da cultura religiosa (PEREIRA, 2008, p. 96).

A autora expõe que quando um indivíduo ou grupo descola-se para um lugar, toma duas posições, uma é de tentar manter viva a sua cultura originaria; e a outra surge da necessidade de adapta-se a cultura local, que mesmo sendo

duas posições conflitantes busca em si um ponto de equilíbrio caracterizados com hibridação (PERREIRA, 2008.p. 96).

Não há registro certo de quando a Umbanda chegou na religião do Baixo Tocantins, o que sabe e que no período colonial devido a produção canavieira no território foram trazidos negros escravizados para essa área, em especialmente para o Município de Cametá que fica localizado as margens do rio Tocantins, onde foi formado ao seu redor diversos quilombos constituídos de negros fugitivos (SALLES apud MELO,2017, p.32).

Segundo afirma Pinto (2004), nesta região, vários povoados negros rurais têm suas origens sinalizadas pela existência desses redutos de fugitivos, cujos traços culturais são fortemente marcados pela mistura de crenças e credos religiosos afros e indígenas, que ao constituírem os mocambos ou quilombos da região, compartilhavam meios de crer, lutar e sobreviver (PINTO, 2004, p. 50).

No caso de Cametá, mesmo sendo uma cidade onde o catolicismo é fortemente presente, não é única religião do município, a grande parte da população negra trazidas construiu suas heranças religiosas que ultrapassaram o tempo e espaço e construído na localidade espaços religioso que são fruto das suas resistências, onde suas manifestações torna-se símbolo de suas conquista e liberdade carregando em sua história a representatividade seu povo (MELO,2017, p.33).

Nesse sentido, em relação a presença da religiosa afro no município está diretamente ligada a toda história de resistências e articulações que surgir primeiramente nos quilombos e espalha-se para zona Urbana e Rural da cidade, onde através de muitas lutas conquistam o reconhecimento de sua prática como religião.

Logo, partir desses fatos, articulações são realizadas ao longo da histográfica na busca incessante por reconhecimento como Religião, diante disso a Umbanda busca por meio de suas práticas, assim como, as outras religiosas afro-brasileira ocupas espaços decisórios na sociedade seja na esfera privados ou pública (MELO,2017, p.35).

Nessa direção, ao tratar-se da representatividade da mulher no campo religiosos que, historicamente foram e são perseguidos e marginalizados, tornou-se de fundamental importância a articulação de movimentos sociais, que reivindicam direitos à população afrodescendente, como, por exemplo, as

expressões religiosas de matriz africana, que tem tornado espaços de resistência identitária.

São Mulheres que tem suas lideranças religiosas conquistadas por meio do respeito dentro e fora de suas comunidades, através das práticas umbandista, de saberes e poderes no qual compartilham e ajudar aqueles que as procura por meio da cura aos doentes, partejamento, entre outros atividades. No qual através de sua expressão religiosa conquistaram sua autonomia e independência (RODRIGUES, 2010, p.197).

Mesmo que diante da historiografia oficial que inviabiliza a figura da mulher, essas mulheres marcaram por meio de suas práticas a história, trazendo impactos em suas vidas, na comunidade, no familiar, são mulheres que construíram como importante presença diante da sociedade brasileira ao repassarem papéis tradicionais. Como apontar a autora Pinto, no livro *Filhas das Matas práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina* (2010), no qual destacar que:

Essas mulheres, ao ultrapassarem a condição “frágil” e “passivo”, foram capazes de construir a história de suas próprias existências e de seus povoados, através da força típica advinda se suas personalidades e de suas múltiplas formas de resistência, que vem sendo repassadas e executadas até os dias atuais por algumas de suas descendentes nos povoados negros rurais do Tocantins (PINTO, 2010, p.109).

No caso dessas mulheres, suas experiências religiosas marcaram profundamente suas vidas, suas práticas que por sua vez moldaram o jeito delas fazerem suas escolhas, torna-se respostas a uma sociedade que as marginalizavam. Essas mulheres encontraram na religião, um caminho possível para sua sobrevivência e suas conquistas dentro dessa perspectiva.

Através das práticas religiosas proporcionam, em seus espaços sagrados, a possível transformação de diversos processos que são significativos, tornando-se símbolo de resistência diante de seu povo, suas atividades são vistas com dons que vem para ajudar o próximo, no qual proporciona a construção da imagem de mãe, cuidadora e protetora, gerando para si e para outras uma representatividade importante no meio no qual vivem. Como aponta Pinto (2010),

Diante da sua gente, suas palavras e ações são rigidamente obedecidas. Contudo, seus ofícios, vistos com dons que trouxeram ao nascer, ao se caracterizarem como uma “missão a ser cumprida” de jamais negar socorro a “uma pessoa que esteja com algum sofrimento ou com dores do parto, pela especificidade de como o atendimento se processa sob a obrigatoriedade de se acatar a dádiva divina, de ajudar as pessoas em lugares ermos, a qualquer hora do dia da noite, se descortina como mais um dos espaços de domínio destas mulheres, cuja vida cotidiana se pauta em acúmulos de responsabilidades e múltiplas formas de trabalho (PINTO, 2010, p.111).

Essas mulheres em sua grande maioria vêm de lares, que tem como configuração o Matriarcado, ou seja, mulheres como chefes de suas casas, provedora de seu sustento e de seus familiares e tiveram ao longo de suas vidas que enfrentar o mundo do trabalho para sobreviverem com suas famílias. E por meio da Religiosidade foi possível elaborar estratégias de resistência a partir da articulação que proporcionando discussões acerca, por exemplo, da discriminação racial e suas consequentes desigualdades.

Portanto, religião com a Umbanda, desde da sua formação tiveram a participação efetiva das mulheres, em especial das mulheres negras, baseando-se em sua ancestralidade, na espiritualidade religiosa, lutando contra, todas formas de opressão oriundas da escravidão, do racismo e que por meio dos mitos, símbolos e rituais busca na da religião estratégias diversas de que lhes ofereça a possibilidade de criar mecanismos de defesa para sobrevivência e conservação de seus traços culturais de origem .(CANTUÁRIO, 2009, p. 20).

CAPÍTULO II

TERREIRO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

2.1 Os Terreiros de Cametá

A sede do município de Cametá, no Pará, a cidade de Cametá, está localizada às margens esquerda do Rio Tocantins, fundada em 24 de dezembro de 1635, é uma das cidades mais antigas do Pará e da Amazônia, conhecida por muitos com “A Perola do Tocantins” ou “Cidade dos Notáveis”, devido o desempenho de alguns filhos da terra, homens que se destacaram na política, na religião e no social. Possui grande riqueza cultural, marcada pela mistura de várias etnias: indígena, francesa, portuguesa, e tais influências são nitidamente visíveis no jeito de ser cametaense que chama a atenção: a forma de falar, cantar, dançar e vestir (CABRAL, 2017).

Entre os seus filhos ilustres estão Dom Romualdo Antoni de Seixas, que como Arcebispo da Bahia presidiu a solenidade de coroação de D. Pedro II e Dom Romualdo De Seixas, Bispo Primas da Bahia, político, escritor e grande orador sacro, que foi agraciado por Dom João VI com o hábito da Ordem de Cristo, daí Cametá também ser conhecida como “Cidade dos Romualdos”.

A vila de Cametá participou ativamente do contexto político do Grão-Pará, seja nas lutas pela Adesão a Proclamação da Independência do Brasil e por sua efetivação na Província. Uma dessas participação no contexto político paraense também lhe rende o título de “Cidade Invicta”. Barbosa (1999) faz referência a Cabanagem afirmando que, no dia 22 de maio de 1835, a Vila de Cametá tornou-se a capital legal da província”, quando a segurança dessa vila foi reforçada, pois, havia notícia de que ocorreria uma invasão cabana. Padre Prudêncio José das Mercês Tavares, como juiz de paz é o encarregado das estratégias de defesa (BARBOSA, 1999 p. 37).

Para Freitas, embora em muitos livros, textos e escritos as ações de padre Prudêncio sejam elogiadas e comemoradas, por não ter permitido a invasão cabana em Cametá. “Contudo, qual foi o preço pago pelas populações pobres por essa manutenção da ordem? Pois, se sabia que a maioria dos cabanos, participantes da Cabanagem, eram populares, negros livres e escravos, mestiços, indígenas, homens e mulheres do campo”. O preço foi alto, pois para garantir a ordem pública na vila de Cametá algumas providencias foram tomadas: tropas militares de cidadãos armados foram formadas e em vários locais da cidade destacamentos para fiscalizar a entrada e saída de pessoas foram criados (FREITAS, 2021).

Neste sentido, conforme destaca Pinto (2005), embora os habitantes da vila de Cametá e lugares vizinhos tivessem sido uns dos primeiros a se insurgir contra os desmandos portugueses, em favor da Cabanagem, contraditoriamente, resistiu a tomada desta, em 1835, quando Belém do Grão – Pará e toda a província já tinha sido dominada pelos cabanos, Cametá se tornou a capital legal da Província do Pará (PINTO, 2005).

Em tempos passados, Cametá além de ter sido entreposto comercial entre o alto e o baixo Tocantins, funcionou como porto militar da capitania de Camutá, onde eram preparadas as expedições fluviais, tanto para explorações, como para guerra. Sua economia era assegurada pelo comércio do cacau, extração de borracha e madeira (PINTO, 2005). Atualmente,

a economia do Município de Cametá sustenta-se basicamente pelo extrativismo, pela agricultura e pelo comércio. Pouco explorado no setor turístico, o município oferece um grande potencial à essa prática com passeios ecológicos para visitar mais de uma centena de ilhas e desfrutar paisagens típicas da Amazônia, seus balneários constituídos de praias de rio e igarapés com venda de iguarias e bebidas típicas da região como, açai com mapará moqueado, licor de caju do mato, licor de açai, doce de cupuaçu. Na cidade de Cametá destacam-se prédios seculares, como: as igrejas de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no bairro da Aldeia; e a Matriz de São João Batista; o Grupo Escolar D. Romualdo de Seixas e o prédio da prefeitura, que por demarcarem temporalidades, comportamentos e modos de vida merecem inclusão nos roteiros turísticos, visto que seus traços, formas, estilo e imponência guardam ecos do passado e testemunham grande parte das manifestações culturais do povo cametaense (PINTO, 2005, p. 6).

Imagem 01: Localização de Cametá-Pará

Fonte: Google mapas Brasil (2010).

Cametá, assim como, muitas cidades no Brasil, no campo da Religiosidade tem como predominância a religião Católica fruto do processo de colonização que ocorreu na cidade no ano de 1617, pelo Frei Cristóvão de São José que desembarcou as margens de terra à esquerda do rio Tocantins, trazendo na sua bagagem o discurso da “civilização Cristã” (Portal da Prefeitura de Cametá,2021).

Na atualidade mesmo a cidade historicamente tem a Religião Católica como predominante, há uma crescente presença das religiões evangélicas que ocupam, tanto a zona Urbano, quanto rural, onde a presença das dessas instituições evangélicas pela cidade é visível. Como pode observar no quadro a seguir:

Imagem 02: Quadro das Religiões do Município de Cametá-PA

Quadro das religiões do Município de Cametá-PA	
Sem Religião	4.434
Católica Apostólica Brasileira	83
Católica Apostola Romana	99.133
Católica Ortodoxa	30

Espírita	12
Evangélica	16.303
Hinduísmo	15
Judaísmo	29
Não Determinada e Múltiplo Pertencimento	512
Novas Religiões Orientais	6
Testemunhas de Jeová	176
Outras Religiões Cristas	154
Não Sabe	10

Fonte: AMOSTRA DO IBGE, 2010

O quadro acima demonstra que no campo da religiosidade é perceptível o predomínio da religião católica e protestantes no município de Cametá. Mesmo assim, é possível também observar que há outras religiões que destaca-se, como por exemplo: Judaísmo, Religiões Orientais, Hinduísmo, Espírita, entres outras. O censo do IBGE de 2010 não traz nenhuma referencias as religiões Afro-Brasileira, mesmo passado 7 anos da última atualização, em 2017, nada alterou em a respeito das religiões Afro- Brasileira, mas isso não significa que Cametá não tenha a presença dessa religião.

A ausência de referenciais de tais religiões, são exemplos de um longo processo histórico, que de todas as formas tenta marginalizar e silencia toda uma ancestralidade e práticas de um povo. Neste sentido, Melo (2017) afirma que a população afroreligiosa de Cametá enquadra-se na categoria: “não determinada e múltiplo pertencimento” devido à ausência de pessoas declarassem afroreligiosas ou de boa parte dos praticantes terem uma dupla religiosidade que no ato de declara-se, coloca como católicos (MELO, 2017, p.38).

As informações obtidas pelos dados oficiais e pelos dados adquiridos por meio dessa pesquisa possibilitaram compreender como as questões em respeito da religiosidade Afro-brasileira são bastante conflituosas, sendo reflexo de uma sociedade que discrimina e persegui, tudo que está relacionado ao povo negro e sua religiosidade ao longo da história. O autor Leal aponta, no livro “*Nossos Intelectuais e os Chefes de Mandinga*”: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951), publicado em, 2011, afirma que:

Ao longo de sua história, algumas tradições religiosas afro-brasileiras foram tratadas sob um rigor repressivo não fundamentado diretamente na legislação criminal brasileira, salvo em alguns casos por ser associada à —prática de magia e seus sortilégiosll (art. 157), tal como era previsto no Código

Penal republicano. Além disso, o artigo 156 proibia o exercício da —medicina em qualquer de seus ramosll sem a devida habilitação e o artigo 158 proibia diretamente as ações de curandeirismo (ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo [...] substância [...] exercendo assim, o ofício denominado de curandeiroll).¹²⁴ Sob essas leis específicas se deu a criminalização das práticas afro-religiosas sob inspiração do Código (LEAL, 2011, p.78).

Em relação ao exposto acima é possível entender como as regressões e os controles foram feitas em torno das religiões Afro, especialmente, devido a idealização preceituosa que demonizar suas práticas, criando o medo e a violências em relação aos seus adeptos e seus espaços. Diante desse contexto, diversos Terreiros ao longo da História foram invadidos, destruído, pois a imagem em torno desses espaços fora categorizada como ruim, maldoso e de feitiçaria, criando na população uma avessa a está Religião.

Grande parte desse controle sobre as religiões de Matriz Africana dava-se através do Estado que colocavam todas as práticas, festejos e batuques dessas religiões como crimes aos valores morais e sociais, tornado ao longo da História um caso de polícia esses atos, o que construir para figura de seus praticantes como arruaceiros e baderneiros um “perigo a ser combatido”.

Em Cametá, não há informações de forma veladas ou registradas sobre a repressão ou proibição dessa práticas afrorreligiosas, mas isso não significa, que não houve conflito ou intolerância a essa religião. A autora Melo (2017) menciona que o contexto histórico no campo da religiosidade em Cametá não ficou de fora das relações conflituosas de controle ao afrorreligioso, que viam nessas religiões todas as formas de desvio moral e social a ser sanado” (MELO, 2017, p.39).

Nessa direção, segundo Melo, na sua dissertação, intitulada, *O corpo Afrorreligioso e Suas Teias de Significações: entrelaçando saberes e práticas de resistência da cultura afrorreligiosa em Cametá-PA (2017)*, traz o documento do código de administração, da década de 30, do século XX, do Município, no qual determinava diversas regras e condutas, a serem obedecidas, em nome da moral e dos bons costumes. E aqueles espaços que não se enquadrassem dentro das regras deveriam ser proibidos ou fechados:

Art. 390 – Os que ofenderem a moral ou ao sossego público com vozerias, cantigas, algazarras, tumultos, sejam ou não em lugares públicos, durante o dia ou a noite, incorrerão em multa de 25\$000;

Art. 391 – Nas mesmas penas incorrerão os que consentirem em suas casas bailes públicos, cateretês, batuques, sambas, congos e outros divertimentos semelhantes, que de alguma forma possam perturbar a tranquilidade pública, sem prévia licença da Prefeitura;

Art. 409 – São absolutamente proibidas as casas de tavolagem ou de jogos ilícitos, bem como as rifas de quaisquer espécies, quer corram anexas as loterias, ou não.

§ 2º - Consideram-se jogos ilícitos, para o mesmo efeito, todos os jogos deparada, aposta ou azar, por meio de cartas, dados, búzios, roleta ou outros semelhantes, e bem assim o denominado jogo do bicho (MELO, 2017).

Mesmo diante desse contexto de ocultação e proibição da religião afro, que ocorreu em Cametá, nos dias de hoje é perceptível as marcas e as influências da presença da religiosidade afro na cidade, que por meio de seus praticantes e de suas práticas permite a permanência e continuidade em solo cametaense, como ocorre, por exemplo, com a Mãe Graça, um mulher destemida, que exerce liderança do Terreiro de Minas da Cabocla Mariana; assim como, dona Isabel Moraes, uma mulher forte e de atitude, que é líder do Terreiro do caboclo Marinheiro Fernando. Essas duas mulheres Umbandista, por meio de suas Práticas, são exemplos de resistência, luta, que simbolizam e demarcam a presença da religiosidade afro em Cametá.

No transcorrer da pesquisa essas duas mulheres Umbandista mencionam que houve um aumento no número de pessoas em Cametá que trabalham, que são adeptos, da Umbanda, fazendo uma relação de quando começaram a trabalhar na cidade, sendo possível entender a construção e permanência da religiosidade. Sobre os praticantes da Umbanda, dona Isabel fala dos principais que ela conheceu, com seus Terreiros:

Finada Danga, Maria do Carmo, meu irmão Dario, Hermano, o Nilo, finado tituba, esse era os curadores que já existiam; finado Dico Tapioca, era curadores. Maria da Conceição, que mora na Aldeia é uma grande curandeira. Agora não, agora tem vários. Agora tem muitos que trabalhar e a gente nem sabe quem é. (Isabel Moraes - Cametá, setembro de 2021).

Mesmo diante de todos o processo de repressão feitas as religiões de matriz Africana, principalmente, em uma sociedade racista, seus praticantes buscam dá continuidade à sua religiosidade e ancestralidade. É evidente que os terreiros ao logo da Historiografia foram espaços marginalizados, diante desse fato que a luta por reconhecimento e legitimação de suas práticas torna-se essencial para que os Terreiros de Umbanda sejam vistos como espaço livre e respeitado.

Nessa direção, o caminho percorrido foi longo e penoso desde a repressão e perseguição até o reconhecimento do Estado pela legalização da Umbanda, que se iniciou em 1939, criando a primeira Federação Espírita de Umbanda no Brasil, que é reivindicada pelos Umbandistas pioneiros, como: Zélio Fernandino de Moraes que tinha como principal objetivos a legitimação e afirmação da Umbanda como religião.

Tal reconhecimento acontece mais precisamente na década de 1960 do século XX, depois da criação do Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda, Tais ações por mais importante e significativa para a sua afirmação enquanto religião, ainda não foi suficiente para que a umbanda não seja vista de forma marginalizada, tão pouco inibiu ações de intolerância aos seus praticantes. (FONSECA e ADAD, 2016, p. 15)

No Pará, por sua vez, a criação da FEUCABEP- Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-brasileiros foi fundamental para que a legalização e o reconhecimento social da religião, o que ocasionou um marco importante no crescimento dos registros dos praticantes. Para o autor Furuya tal crescimento nos números de Umbandista deu-se:

[...] à possibilidade de que a própria formação da Federação contribuiu para o incremento dos grupos de Umbanda. A sistematização da Federação que leva o nome Umbanda e o aumento da capacidade de influência desta na sociedade elevou a popularidade da Umbanda como uma religião que ganhou um certo reconhecimento social, e, qualquer que seja a realidade dos fatos, não há dúvida de que acelerou a expansão dos grupos e adeptos que se autodefinem como umbandistas. Além disso, através do apoio dos meios de comunicação, e entre outras coisas, o propalado termo “Umbanda” vem se infiltrando, não somente entre os não-seguidores como também entre os próprios seguidores, como o termo que abarca várias religiões afins (FURUYA, 1994, p.14 apud MELO, 2017, p.40).

Tal cenário, possibilitou por meio de articulação que houve o reconhecimento e a valorização da religião Afro- Brasileira no Pará. Tais ações trona-se de suma importância para que os praticantes da Umbanda se sintam assegurados. A legitimação da Umbanda enquanto religião proporcionou aos Terreiros, espaços onde suas práticas são realizadas e aos seus donos um parâmetro do Estado, para dá andamentos às suas atividades. É possível entender a importância desses atos na Fala da Mãe Graça, Lider do Terreiro de minas da Cabocla Mariana:

O meu terreiro é tudo certo, registrado, tenho alvará tudo certo, tenho licença para trabalhar, bater tambor até meia noite, quando faço festejo que vai passar da hora, vou na polícia para tirar a licença até três horas, porque, minha filha, a gente tem que tá tudo certo (Maria Graça Ferreira - Cametá, outubro, 2021).

No entanto, mesmo depois da construção de conselho, federação que busca cotidianamente lutar pelo reconhecimento e legitimação da religião Afro, isso não impede que atos de violência e intolerância aconteça aos terreiros e seus praticantes. No entanto mesmo sendo caracterizado como lugar ruim, o Terreiro tornou-se por meio de lutas e vivencias o palco de emancipação e empoderamento de mulheres, que através de suas práticas proporcionou discussões e reflexões em torno de questões como machismo, gênero e representatividade.

2.2 As Lutas e os Desafios das Mulheres Religiosas Dentro e Fora dos Terreiros de Cametá.

A Umbanda é uma religião que, permite dentro de sua estrutura, com que as mulheres assumam papéis importantes como de lideranças, assim como, garante o respeito fundamental que lhe é direito, do lado de "fora" das religiões, onde a luta contra discriminação é diária, mas é por meio do sagrado e de suas práticas que elas encontram força para lutar contra o machismo, racismo e intolerância.

A religiosidade permiti a essas mulheres a respeitabilidade e reciprocidade na comunidade e que viver, seja pelos trabalhos que desenvolvem, seja pelas suas práticas que garagem a elas autonomia e independência em todos os aspectos, transformado suas casas em espaço de lutar e sobrevivências (RODRIGUES, 2018, p.198).

Diante desse contexto que o presente estudo traz relatos de duas mulheres, negras, Umbandistas, líderes de seus Terreiros. Essas mulheres que ao longo das suas vidas marcaram presença e visibilidade e sua comunidade pelas práticas desempenhadas e pelo papel de líderes religiosas, que tem na Umbanda a sua religião.

Nesse sentido, o presente estudo busca evidenciar as lutas, os desafios que essas mulheres enfrentam dentro e fora de seus terreiros. A primeira entrevistada, Maria Isabel de Oliveira Moraes mais conhecida como dona Isabel de 69 anos, uma mulher negra, batalhadora, forte, empoderada, viúva e mãe de quatro filhos, mora no bairro São Benedito, onde está localizada a seu Terreiro construído nos fundos de sua residência.

Dona Isabel, assim como, uma boa parte dos Umbandistas, teve seu “Chamando”, termo que ela utiliza ao falar sobre a sua entrada na Umbanda, na adolescente quando ainda morava na zona ribeirinha do município de Cametá. Conta que nessa ocasião tinha visões e ouvia as vozes das entidades, até ocorrer a primeira manifestação dos Orixás:

Quando eu comecei a trabalhar com Umbanda, foi quando eu comecei a senti aproximação dos orixás, né, ai eu comecei a trabalhar, né, começaram a baixar, já devolvendo e ai o meu irmão trabalhava, eu estava sempre quando ele estava trabalhando, e eu estava enxergando as coisas né, enxergava as coisas por que eu tinha dom, ai depois nós voltamos para o interior foi quando eu comecei a trabalhar, já estava com 23 anos, e ai comecei a frequenta a Umbanda (Isabel Moraes - Cametá, Setembro de 2021).

Dona Isabel, conceitua o trabalho com a Umbanda como “Dom”, “missão” e “herança” de família, já que ela e os irmãos “herdaram” tais habilidades. No entanto, diz que só ela e o irmão, o falecido Dário, um Mèdium muito conhecido na cidade de Cametá, foram os únicos da família a trabalhar. Dona Isabel relata,

que os filhos também têm dom, mas nenhum quis trabalhar com a Umbanda, restado somente ela da família que trabalha até os dias de hoje.

Imagem 03: Conga de Dona Isabel



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Conforme narra, essa liderança religiosa, o seu processo de desenvolvimento foi muito difícil, pois ela conta que não queria aceitar sua missão, e isso tornou esse processo lento, difícil, e muitas vezes doloroso. Pois, tinha medo em relação a discriminação da sociedade contra as religiões de origens africanas era e ainda é muito grande. Esse medo e demora na aceitação da sua missão acabou lhe ocasionando muitos problemas de saúde, problemas que são vistos por ela como “castigos” das entidades porque a mesma não queria seguir sua missão.

Dona Isabel, assim com outros Umbandistas, vive a dualidade religiosa, oriundos dos sincretismos religiosos, tendo uma relação entre a Umbanda e o Catolicismo. Essa relação proporciona a mesma um papel de destaque dentro

da comunidade eclesial de base da igreja Católica, no qual desempenhava a função de catequista. Nos dias de hoje conta que não atua mais nessa função, porém continua possuindo expressiva representatividade nessa comunidade. Enquanto, na sua relação com a Umbanda, atua com benzedeira, puxadeira, curandeira. Quando se refere a sua religião, Dona Isabel afirma:

[...] a Umbanda é uma sociedade, é nossa religião, mas eu tenho minha religião Católica e tenho a minha seita, que é a Umbanda, eu trabalho nela, respeito ela, eu vivo do meu trabalho nela (Isabel Moraes - Cametá, setembro de 2021).

É possível entender por meio da narrativa de dona Isabel, que quando esta faz referência ao seu pertencimento religioso, se diz católica, como se a Umbanda funcionasse apenas como ancoradouro da sua fé, uma herança oriunda do processo de colonização brasileiro, quando as religiões de matrizes indígenas e negras foram suplantadas em detrimento de religiões cristã, quando se observar uma essa espécie de valorização dessa religião.

Enquanto, em relação a outras religiões, como é o caso da Umbanda, fica evidente na narrativa de dona Isabel, as espécies de castigos que recebe da parte dos Orixás, por não corresponder de imediato o privilégio da escolha para se tornarem mãe de santos, por não atender os chamados de entidades espirituais. Uma vez que, segundo afirma Pinto (2010),

A partir da iniciação do dom, a pessoa se difere no seu meio social, pois passa a possuir e manipular peculiaridades próprias do sobrenatural, do mágico, do sagrado e, dessa forma, é reconhecida diante dos seus (Pinto, 2010, p. 202).

Por outro lado, é a Umbanda que proporciona autonomia financeira a dona Isabel, embora mencione que já está aposentada por idade, contudo, grande parte dos recursos financeiros, com quais mantem a sua casa, a sua família, são oriundos de suas práticas na Umbanda, trabalho de curas este que lhe traz o reconhecimento e respeito no Município de Cametá, onde é vista como uma excelente curandeira, exercício esse, do qual ela afirma ter orgulho.

Dona Isabel relator no decorrer da pesquisa que, devido a idade e problemas de saúde, durante quase um ano precisou se ausentar de sua casa, foi morar com as filhas em outro estado, mas isso não a impediu que, mesmo

longe de seu Conga, deixasse de cumprir suas obrigações com as entidades, com os seus guias, caboclos. Depois desse período ela voltou para sua casa, e está reformado esta, devido os Caboclos quererem um Lugar maior só para eles nos fundos da casa dela. Dona Isabel afirma que por enquanto está fazendo apenas atendimentos individuais.

Outra Mulher Umbandista, com a qual tive contato durante a pesquisa para a realização deste estudo foi Dona Maria Graça Ferreira, líder do *Terreiro Minas da Cabocla Mariana*, que fica aos fundos de sua residência, no Bairro novo, na cidade de Cametá. Mãe Graça, como gosta de ser chamada, é uma mulher negra, casada, mãe de três filhos, que atua como Umbandista, conta que é filha de uma das mulheres pioneiras da Umbanda em Cametá, conhecida como dona Danga, que teve seu contato com a Umbanda desde criança:

Foi de mãe pra filha, mamãe trabalhou aqui em Cametá quarenta anos, desde daí eu venho acompanhando ela em tudo, fazendo as coisas ajudado. Daí passou pra mim, a mãe pequena, já tomado conta de tudo, a mãe pequena é pra isso, aqui mamãe era conhecida muito como dona Danga. Com 13 anos comecei, né, aprendendo tudinho, já vieram se manifestando e desenvolvendo, dentro da Umbanda eles já vão se manifestando sobre a gente. Desde daí, quando começou o primeiro trabalho aqui, ai na Coronel, no Terreiro do Zé Bedel, no Barracão do Zé Bedel, que onde foi fundada a Umbanda. Eu faço trabalho de União, de cura, né, os outros também de desenvolvimento, são esses que mais eu faço (Maria Graça Ferreira - Cametá, outubro, 2021).

Dona Graça conta que cresceu no meio da Umbanda, e que nos dias de hoje lidera o terreiro, que era de sua Mãe, Dona Danga. Depois da morte da sua mãe o referido terreiro ficou sob seus cuidados. Sendo um dos principais trabalhos realizados dentro desse espaço, o desenvolvimento de outros médiuns, que ela chamar de filhos. Esse Terreiro de Dona Graça possui 14 membros, que acompanham a mesma em todas as obrigações e festejos.

Imagem 04: Terreiro de Mãe Graça



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Imagem 05: Altar dos Santos, caboclo e orixás



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Dona Graça afirma que tem a Umbanda como sua principal Religião e Profissão, é do seu trabalho com essa religião que ela sustenta sua casa, a sua família. Afirma ela que somente o seu genro, Dário, são os únicos do seu meio familiar que trabalham com a incorporação, enquanto suas filhas, filho, netas e o marido ficam apenas no suporte, para o que for necessários dentro do Terreiro.

Durante a pesquisa foi possível compreender que tanto Dona Isabel quanto Dona Graça veem na Umbanda a sua missão, um dom herdando por elas, para poder ajudar e auxiliar aquelas pessoas que mais precisam, seja em qualquer momento do dia. Dizem que tratam os que vêm a elas com responsabilidade e respeito, princípios norteadores de suas práticas e obrigações perante a religião, a Umbanda.

Ambas possuem registro de Filiação na União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil – Seção Pará¹, da qual exibem como orgulho suas respectivas carteiras de identificação, que dão respaldo para o exercício de práticas umbandistas. Sem dúvidas, Dona Isabel e Dona Graça são duas mulheres que desempenhavam diversos papéis sociais e espirituais ao atender

¹ A Associação dos Amigos de Iemanjá e a União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil Seção - PA, são duas associações que surgem seguindo um mesmo contexto histórico; foram fundadas por um grupo de pais e 'mães-de-santo' de carreira recente, dissidentes da FEUCABEP que estão ligadas a homens de marketing como jornalistas e radialistas (LUCA, 2003, p.38).

e oferecer aos que lhes procuram serviços de benzedeira, curandeira, conselheiras e muita das vezes de mães.

Desta forma, são vistas no meio em que atuam como mulheres fortes, empoderadas, duas guerreiras que encontraram na religiosidade autonomia e independência feminina, mesmo vivendo em uma sociedade ainda machista e preconceituoso, no qual vão construído a passos largos seus espaços e representatividades. Nestas condições, segundo afirma Pinto (2010), ao se referir as mulheres parteiras, benzedeiras e curandeiras de povoações quilombolas:

Suas figuras emergem como mulheres destemidas, fortes, independentes e valentes lutadoras, capazes de ultrapassar tanto a liderança de seus povoados como as chefias domesticados, onde maioria do caso aparecem como principais as provedoras de seu lar” (PINTO,2010, p.116).

Contudo, mesmo diante todo o respeito e confiança que essas mulheres conquistaram ao longo de suas vidas, narram que já enfrentaram inúmeros desafios, tiveram que lutar para dar continuidade as suas funções, com direitos de exercer sua religiosidade, como narra dona Graça:

Eu já tive aqui um impedir aqui com os meus vizinhos enjoados, uma vez queria impedir. Mas, conversando a gente se entende, né, não podemos tá discutindo um com outro porque ele tem a religião dele e eu a minha. Então foi isso que já foi entendido (Maria Graça Ferreira - Cametá, outubro,2021).

Nesse contexto, dona Isabel também fala das inúmeras vezes, que teve que lidar com a discriminação em relação as suas práticas religiosas:

Olha...dentro da comunidade da Umbanda, eu nunca fui. Mas, eu como Fundadora de comunidade (da Igreja Católica), tive umas interferências, mas não de quem trabalhava comigo, foi de umas meninas novas que chegaram do interior e queria ser mais do que a gente, mas não era. Na festa de São João Batista também tinha umas pessoas de catequize, que trabalhavam, teve uma lá, mas nunca fala pra mim. Mas eu senti, né, com outros padres, eu nunca tive, padre Nonato, padre Giovani. Mas fiz uma doação para aquele programa que tem do messias, aonde o padre pergunto de mim, Messias como e que falo o nome da dona Isabel, ele sabe o que eu sou, né, fala o nome dela, pois ela ajuda. Então isso é uma discriminação dentro da igreja né, [...] mas o dinheiro é bom minha filha, o dinheiro do

dízimo da gente é muito bom. Na Umbanda não, é mais negro, é difícil branco, né, graças a Deus. Dentro da minha Umbanda eu nunca foi e os vizinhos em casa nunca foi daqueles, mesmo porque se ele me chamarem de macumbeira, eu tenho minha carteira eu apresento a eles (Isabel Moraes - Cametá, setembro de 2021).

Infelizmente, atos de intolerância vivenciados por ambas são frutos de uma sociedade racista que marginalizar e discriminar as religiões de matriz africana, são representações negativas construídas sobretudo em relação ao povo negro, especialmente, sobre a sua cultura e religiosidade. São relações e representações de preconceitos que foram estabelecidos historicamente e socialmente e que ainda são produzidos e reproduzidos atualmente.

A partir das narrativas de Dona Graça e Dona Isabel observa que não só os praticantes da Umbanda, mas os Terreiros também são julgados por muitos de formas preconceituosas, como “espaço de feitiçaria”, “de magia negra”, “de culto ao demônio”. Apesar desta forma pejorativa e preconceituosa, tanto Dona Isabel, assim como, Dona Graça, sempre se posicionaram e enfrentaram o racismo, o machismo, a intolerância em relação a esta religião. Pois, foi meio de suas práticas religiosas que elas ocuparam lugar de representatividade, de liderança e empoderamento dentro e fora dos Terreiros. Afinal, conforme afirma Pinto (2010):

O desafio de sobreviver tem sido para essas mulheres uma luta constante. Na batalha em defesa da vida, elas escapam do campo das representações e vão marcando na memória dos seus descendentes as diversas estratégias de luta, onde as formas e funções do trabalho praticamente não se configura no espaço (PINTO, 2004, p.146).

Nestas condições, é através de suas vivências e saberes que essas mulheres constroem caminhos para sua sobrevivência por meio de muitas lutas consolidam sua presença e visibilidade nos locais onde atuam, reafirmando sua identificação cultural e religiosas mediante as relações sociais vividas e compartilhadas, sendo reconhecidas pelas suas práticas de curas.

São por meios de suas práticas que essas mulheres construíram seus espaços, empoderamento e representatividade, como deixa evidente dona Graça:

A Mulher dentro da Umbanda pra mim é muito importante porque uma ajuda a outra, conversa se entente se auxiliam. Uma Mulher, dona de Terreiro representa muito para outras por ocupar um lugar importante de líder” (Maria Graça Ferreira - Cametá, outubro,2021).

A presença da mulher no Campo da religiosidade, a torna uma figura de grande representação dentro e fora do Terreiro. Essas mulheres constroem todos os dias suas lutas pela garantia de seus direitos, mesmo diante dos desafios que enfrentam, a força e coragem que elas cultivam lhes possibilitam a continuar suas práticas, demarcando sua identidade religiosa, se empoderando e instigando outras mulheres a se fortalecerem, se empoderarem.

2.3 Os Preparativos que Envolvem a Iniciação Feminina na Umbanda

Na concepção de Pinto (2010), a tomada de consciência do dom significa um presente contínuo, uma vez que esse ato pode propiciar a pessoa possuidora de dom qualidades intransferíveis. Pois, “suas práticas ligadas a espaços simbólicos, ao serem expressas e estabelecidas em relações sociais vivas e permanentes ganham legitimidade do grupo social, do qual elas também fazem parte” (PINTO, 2010, p. 205).

E foi nessa tomada de consciência do dom, que no transcorrer da pesquisa, foi possível acompanhar o momento de iniciação de uma jovem de 26 anos de idade nas práticas Umbandista. No dia 11 de setembro de 2021, um sábado, observei a preparação dessa iniciação, realizada no Terreiro de Minas da Cabocla Mariana, da Mãe Graça, aliás esse é um dos principais trabalhos que Mãe Graça faz no seu terreiro, é quando ocorre os desenvolvimentos dos Médiuns, que a partir de então continua sendo ajudado e orientado por essa líder religiosa no decorrer da caminha dos mesmos na Umbanda. O que a tornar para a maioria de seus filhos uma mentora Espiritual.

Lembro que cheguei no local por volta das 19:00h, sendo recebida por Mãe Graça, que me direcionou ao terreiro, onde estavam fazendo a defumação. O local já estava todo arrumando com balões e tecidos branco

(cor que de acordo com Mãe Graça, traz boas vibrações de Oxalá), no meio do espaço estava pronto o alta, com velas, banho de cheiro e cadeira com tecidos branco. No centro do terreiro havia também um local marcando, onde se sentou a jovem em processo de iniciação.

Imagem 06: Terreiro decorado para a iniciação



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

A iniciação começou por volta das 20:00h, após todos os integrantes e convidados terem chegado. Antes de iniciar foi feita mais uma defumação dentro do terreiro. Após a defumação os umbandistas que iam trabalhar nessa noite, antes de começar os trabalhos, todos fizeram uma fila para saudar a Mãe Graça, e assim, a mesma coloca as guias² de cada um e seus pescoços, só depois de todos estavam devidamente com suas guias, foi que começou o ritual de iniciação da jovem.

² Guias são objetos sagrados, que constituem um elo de ligação entre o filho de fé e seus guias, caboclos ou orixás. É um objeto de proteção que para surtir o efeito desejado deve ser consagrado por uma Entidade, ou através de rituais de consagração, quando o filho de fé passa por um processo de iniciação.

Imagem 07: Momento da colocação dos guias.



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

O primeiro passo para iniciação foi encaminhar a jovem para o centro do terreiro, onde está montado o altar. Após ela se sentar, todos os membros presentes fizeram a oração do Pai Nosso duas vezes. Depois da oração, Mãe Graça iniciou o Canto a Mariana, sua Chefe de Cabeça, para conduzir essa preparação, e acompanhada pelos filhos de santo que cantam também, numa junção entre o canto e dança, todos começam a girar em torno do altar onde está a jovem.

Enquanto os membros umbandistas cantão e dançam, a jovem entra numa espécie de transe, momento que Mãe Graça descreve como sendo o encontro entre o Médiun e seu chefe de Cabeça, e o momento que o caboclo vai prepará-la durante o transe o seu corpo e a sua mente para incorporação.

Imagem 08: Momento do transe.



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021.

Enquanto a jovem está em transe, os outros Umbandistas continuam dançando e cantando dança até o momento que os Caboclos começam a chegar, incorporando nos outros médiuns presentes. No processo de incorporação cada caboclos tem suas próprias canções, uma espécie de canto do caboclo, que para baixar é realizado primeiro seu chamando por meio do seu canto. Essa preparação contou com a presença dos Caboclos e Caboclas Pena Verde, Jurema, Mariana e Tupinambá.

Cada vez que um caboclo baixava, primeiramente, cantava na frente do tambor, e posteriormente falava com todos os presentes e depois voltava a cantar e girar em torno da jovem. Na Iniciação de um Umbandista os Caboclos que abaixam vêm com a missão de auxiliar e ajudar na preparação da médium. A cerimônia de preparação iniciou-se as 20:00, sendo que a jovem em processo de iniciação ficou em transe até as 22:00h, momento e que a cabocla Mariana que estava incorporada em Mãe Graça, puxou o canto para Dom José:

O dom Jose, dom José
É rei de Floriano

Vem coroa sua filha, Dom José
E rei de Floriano

Imagem 09: O canto a Dom José



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

Imagem10: O canto a Oxalá



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

Durante o Canto e a dança a Cabocla Mariana benzeu a cabeça da jovem com o banho de ervas e com a defumação. Isso tudo ocorreu durante os cantos de Dom José e Oxalá, que são cantos que anunciam a abertura de caminho para incorporação da chefe de Cabeça da Médium. Nesse momento, por meio do canto é anunciado a vinda da Cabocla Herodina, a Chefe de Cabeça da jovem em iniciação. Nessa ocasião, é levantada da cadeira e começa a cantar e dançar em movimentos, que representam a incorporação da Cabocla Herodina.

Durante esse momento os outros membros que estão presentes dão todo o suporte para Médium, que balanceia seu corpo aos ritmos do Batuques dos tambores, quando a música da Cabocla Herodina está sendo finalizada, antes da Cabocla subir, dá uma saudação final em frente aos tambores e vai embora deixando a médium desorientada sendo aparada pelos seus Irmãos, os outros filhos de santo. Nesse momento a cabocla Marina que estava incorporada em Mãe Graça, vem em frente do altar para saudar a partida de Herodina e finalizar a iniciação.

Imagem 11: A incorporação da Cabocla Herodina



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

Imagem 12: Mãe Graça em frente ao Altar



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

É necessário evidenciar que a iniciação na Umbanda ocorre a partir de um logo processo de desenvolvimento, com a médium para que a mesma aprimore em suas práticas por meio de um trabalho espiritual, tendo auxílio da sua Mãe de Santo, que lhe ajudar nessa caminhada. É importante ressaltar que o desenvolvimento da Médium na Umbanda requer o um processo preparatório que vai de Banhos e defumação, assim como, o trabalho de preparação de seu corpo e mente para que esteja pronta para sua coroação. Porém, menciona-se este estudo traz apenas as experiências presenciadas na coroação da Chefe de Cabeça da Médium, uma vez que as outras etapas do processo, conforme narrou Mãe Graça, acontece apenas na presença da médium, da mãe de Santo e das entidades.

Contudo, a coroação na Umbanda é um ritual significativo por traz consigo representações simbólicas de aproximação entre os caboclos/orixás de cabeça com a Médium, é o momento que ela é consagrada para exercer suas obrigações e funções, torna-se dirigente espiritual, no qual tem seu trabalho pautadas nos fundamentos da Umbanda e seus guias.

2.4 Festejo de Iemanjá - A Importância da Simbologia do Sagrado Feminino

A figura do sagrado de Iemanjá refere-se a Orixás feminina do candomblé, que se tornou rainha das águas salgadas, Deusa do mar, grande mãe do povo iorubá e “mãe de todos os orixás” (KILEUY; OXAGUIÃ, 2011). Sendo uma entidade originalmente da África no qual seus cultos são realizados na margem do Rios. Que por meio do processo de colonização no Brasil tornou-se a Senhora dos Mares, que devido o sincretismo religioso tem sua imagem relacionada a Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Piedade e Virgem Maria, no qual tais imagens são descritas pela igreja católica com a figura relacionada a Maternidade.

Na Umbanda a figura de Iemanjá, também possui grandes significados, devido à grandes influências do candomblé na construção da religião. Logo, Iemanjá possui significado para os Umbandista além da “Rainha do Mares e rios”, a figura de sereia e de mulher sensual, guerreira e mãe. Esposa e batalhadora, ou seja, a figura de Iemanjá traz a representatividade e o empoderamento da mulher forte, sensual e poderosa dona de si e suas vontades.

O festejo de Iemanjá é uma das festividades mais importantes que ocorre no Município de Cametá para a comunidade Umbandista e adeptos. No entanto isso não significa que a Única ou a melhor, mais que se destaca pela forma pela qual é organizada, no qual requer inúmeros trabalhos e preparativos que carregam diversos significados que são expressos em cada ritual e objetos, que envolvem o festejo, como por exemplo os agradecimentos, as oferendas, receptação da entidade e purificação dos ambientes e das pessoas.

Em Cametá essa festividade ocorre no dia 07 de dezembro, onde cada Terreiro tem sua forma de fazer suas obrigações e atividades para a Rainha do Mar. O acontecimento em homenagem a Iemanjá, é um dia anterior à festividade de Nossa Senhora da Conceição. O festejo a Iemanjá, de acordo com

umbandistas, é uma obrigação para com seus “guias” e momentos de reafirmava seus deveres e agradecer suas proteções.

Durante a pesquisa para este estudo tive a oportunidade de acompanhar o festejo de lemanjá, no Terreiro de Mãe Graça, que tem sua organização diferente de outros terreiros que já presenciei, no sentido que a festejo ocorre em dois dias no dia 07 na praia e no dia 08 no Terreiro. É necessário evidencia que diante do atual momento em que vivenciamos em nossa sociedade decorrente da pandemia do Covid-19 e suas variantes, os festejos no Terreiro de Mãe Graças ocorreram com um número restrito de pessoas.

Então no dia 07 de dezembro de 2021, cheguei no Terreiro por volta das 18:00, horário marcado, ao chegar logo foi direcionada pela Mãe Graças ao Terreiro, que fica nos fundos de sua Casa, para ver o altar já preparado para ser levando para Praia do Bigode, que fica na vila do Cujarió, em Cametá, onde ocorreu o festejo. No altar estava o quadro de lemanjá, a imagem de nossa Senhora da Conceição, o Banho de Cheiro, as flores e a Barca, oferenda principal do festejo. Aos poucos cada integrante do Terreiro foi chegando para espera o ônibus que iria levá-los a praia, todos tinha a camisa que a Mãe graças manda confeccionar todos os anos com a imagem de lemanjá.

Imagem 13: Altar a lemanjá



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Por volta das 19:00h, o ônibus chegou e foi colocado dentro a Bandeira de Oxalá, assim como todas as oferendas, os tambores e batuques e as imagens de lemanjá e de Nossa Senhora da conceição, como todos os integrantes já no

ônibus, saímos em direção à praia. Ao chegar ao local os membros do terreiro de Mãe Graça começaram a vestir-se com as camisas confeccionada e com as saia em tons de Azuis e Branco, que é a cor que representa a Mãe das Águas. Assim que ocorreu a montagem do altar na praia, que foi colocado sobre uma mesa próxima à beira do rio com a imagem de Nossa Senhora da Conceição com bastante flores, a baixo do altar estava o quadro de Iemanjá como sereia, e ao lado a Barca. Ao redor da barca foi colocado, uma espécie de porta Velas, feitas de garrafas pet, as velas cores vermelha, verde, branca foram acesas e a bandeira de Oxalá colocada na areia aos sons dos fogo de artifício que anunciavam o festejo a Iemanjá.

Imagem 14: Altar a Iemanjá na Praia



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Com tudo pronto, aproximadamente por volta das 08:00h, Mãe Graça começou a colocar as guias no pescoço de cada filho e dá início a abertura da festa na praia em ritmo dançante, em conjuntos com batuques, Mãe Graça cumprimenta a todos as pessoas presentes, e em seguida de frente por rio saúda Iemanjá com os dizerem: “saravá mãe Iemanjá, saravá Nossa Senhora da Conceição”. E em seguida Mãe Graça incorpora a sereia Janaina. E canta:

*Eu estava na beira da praia
Vendo o Balanço do Mar
Quando eu vi uma linda sereia
E eu comecei a cantar (2x)*

*Ô Janaina vem ver
Ô Janaina vem cá
Receber essas flores que eu vou te ofertar(2x)*

Antes de finalizar o canto, Mãe Graça cai no chão como uma sereia, quando rapidamente suas pernas são enroladas com panos formando uma espécie de caudas com o tecido. Nesse momento todos continuam cantando e saudando a sereia Janaina, na qual estava incorporada em Mãe Graça. Após os médiuns saudarem a Janaina, Dona Graças foi rolando até ao rio, onde deu um mergulho e voltou. Nesse momento, sempre acompanhada pelos médiuns, pois, a sereia incorporada, de acordo com os Umbandistas, é capaz de levar a pessoa para o Rio Encantado. Quando Dona Graças volta da beira do rio, a entidade não está mais incorporada. Ela então foi trocar de roupa que estava molhada. Enquanto troca de roupa, os outros médiuns ficam cantando e dançando em forma de círculo em frente do altar.

Imagem 15: Incorporação da Sereia Janaina



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Depois de aproximadamente uns 15 minutos, dona Graça ao fundo puxa o canto da Mariana, anunciando a vinda da sua chefe de cabeça, que vai liderar o festejo a Mãe das águas. Ao chegar no altar, dona Graça incorpora pela segunda vez, agora é Mariana, que ao chegar cumprimenta a todos os presentes e pede um copo de cerveja e cigarro. Em seguida, o canto muda e os médiuns

anunciam: “é Jurema que vem chegando”, e incorpora em Dona Fátima, uma das médiuns que trabalha no Terreiro de Dona Graça desde do tempo que o terreiro ainda era de sua mãe Dona Danga.

Imagem 16: Roda de Dança dos médiuns



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

Ao longo da noite vários cantos são realizados em Homenagem a Iemanjá. Em meio ao canto, dona Miriam começa a Cantar, chamando seu Marinheiro, anunciando sua chegada para incorporação do mesmo, que ao chegar saúda a todos os presentes e se direciona para onde estão as bebidas. E assim todas as entidades abaixadas vieram nessa noite saudar a Rainha do Mar. Os médiuns que não incorporaram continuam a cantando e dançando, já as entidades incorporadas falam com as outras pessoas presentes. Enquanto esperam a maré do rio baixar ao ponto da água ficar longe de onde está o altar. Em seguida por volta das 22:00h, a cabocla Mariana anuncia ao público que chegou o momento de fazer as oferendas a Iemanjá, dizendo que aquele é o momento de colocar seus pedidos escrito no papel na barca, em seguida todos vão em direção à praia cantando:

Mãe D' água Rainha das ondas
sereia do mar
Mãe D' água seu canto e bonito quando tem luar (2x)
Como é lindo o canto de Iemanjá
Faz até o pescador chorar

Quem escutar a Mãe D' água canta
Vai com ela profundo do Mar (2x)

Nesse momento a barca, o quadro de lemanjá, a imagem de Nossa Senhora Conceição e a Bandeira de Oxalá são carregados para a beira do rio, todos vão com os objetos cantados em direção ao rio, que nesse momento está com a mare baixa, o que formou pequenos barcos de areia, antes de enviar a barca e feita uma Saudação e agradecimentos a lemanjá. Depois todos os presentes jogam flores no rio e a barca é levada por um rapaz até o lugar, mas fundo do rio. E ao som de palmas a barca vai sumido na imensidão do rio e do escuro da noite, levando consigo as preces, os desejos e as oferendas de todos presentes.

Imagem 17: Entregas das oferendas a lemanjá



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Ao voltar Mariana, que está incorporada em Mãe Graça pede que todos forme uma fila para realizar o Banho de Cheiro. Em seguida, sentada em uma cadeira, com banho de cheiro em uma vasilha, e com uma cuia joga o banho na cabeça das pessoas, benzendo cada um. Após esse momento todos os médiuns e entidades ainda incorporadas ficaram de frente para o rio, saúdam lemanjá. E assim, finalizam o festejo, pedindo aos Orixás proteção, saúde. Por volta 00:00h é finalizado o primeiro dia de festejo a lemanjá.

Imagem 18: Banho de Cheiro



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

Imagem 19: Momento de Agradecimento



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito,2021

No dia seguinte, 08 de dezembro a festa começa no terreiro por volta das 20:00h, no qual é feita uma defumação em seguida Mãe graças colocar os guias no Médiuns, depois ao som dos tambores, cantos e dançados a Cabocla Maria incorpora em Mãe Graças que ao chegar dá Boa Noite a todos os presentes e direciona-se a cozinha da casa onde fica a bebida que é servida pelo Marido de Mãe Graça, após a primeira incorporação, dona Fatima incorpora Jurema que falar com todos os presentes, e logo em seguida pede um cigarro e faz algumas perguntas sobre a saúde das pessoas.

Imagem 20: Altar de Iemanjá no Terreiro



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Enquanto isso outro canto é feito e a Joana Nagô, é incorporado pelo Médiuns Dário. Todos os caboclos incorporados falam com público, os outros médiuns continuam cantando e dançando. Cada caboclo que incorpora canta e dança em frente ao tambor, é uma forma de saudar e mostrar respeito a dona da Festividade, que é Iemanjá.

Imagem 21: Médiuns Cantado



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Imagem 22: Mariana em frente ao Tambor



Fonte: Arquivo pessoal de Jessica Brito, 2021

Enquanto isso, todos cantam e dançam até chegar as 22:00h, Mariana que está em dona Graças, saudar Iemanjá e faz sua Homenagem a Rainha do Mar com músicas, palmas e danças. E com cigarro tauarí defuma a todos os presentes. Em seguida dança em frente ao Tambor para Anunciar sua partida, com pulos alto e com corpo balançando, a cabocla Mariana deixa o corpo de Mãe Graça. No restante da noite os caboclos falam com as pessoas e depois um de cada vez dança e canta em frente ao tambor para anunciar sua partida, e assim, aproximadamente as 23:30h chega ao fim a segunda noite do festejo de Iemanjá.

Contudo, é importante ressaltar mesmo diante de todas as formas de omissão e regressão que as religiões afro-brasileiras como exemplo a Umbanda passam cotidianamente, é através da vivência, experiência, vivida pelo corpo afroregiliosos de Mulheres, como, Dona Graça e Dona Isabel que permite tecer uma teia de relações simbólicas, principalmente por meio das festividades,

rituais, como exemplo a festividade de Iemanjá carregam diversos significados que construí um diálogo com a sua ancestralidade. Diante disso que a vivência e experiências e o lugar que essas mulheres ocupar proporciona o empoderamento e a representatividade de si e de outras mulheres, mesmo diante de uma sociedade machista, intolerante e racista. Portanto, são por meio de suas práticas e saberes que essas mulheres constroem no dia-a-dia a luta pelo o reconhecimento de sua religião (MELO, 2017, p.112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou sobre a importância da representatividade das Mulheres Umbandistas, a partir das perspectivas das relações de gênero e poder para assim compreender como foram construídos os pensamentos patriarcais em torno da Mulher e como através do Campo da Religiosidade as mesmas constituíram elementos relevantes para o fortalecimento do empoderamento feminino, dentro e fora dos terreiros de Umbanda.

Nessa direção, esse estudo possibilitou entender, primeiramente a situação das mulheres a partir das discussões em torno das questões de gênero, que foram construídas no decorrer dos séculos no qual consolidou-se como elemento central das estruturas social e divisor dos poderes, tornando-se fator determinante para as relações em sociedade e, especialmente no que diz respeito ao controle e subalternização da vida e dos corpos das mulheres em sociedade.

Diante desse contexto, que o presente estudo tem como foco a questão de gênero e empoderamento feminino a partir das relações de poder através do Campo da Religiosidade, mais precisamente em dois Terreiros de Umbanda de Cametá. Por compreender a necessidade que ao longo da História as Mulheres tiveram de tornar-se cientes de suas condições de inferioridade para que, assim, luta-se por mudanças necessárias que livrasse das amarras impostas as mesmas pelo poder patriarcal.

Sendo assim, durante a pesquisa foi possível observar que através da religião, mais precisamente da Umbanda, como ocorre o empoderamento dessas mulheres lhes possibilitando caminhos para a independência financeira, a libertação, assim como a promoção da autoestima, criando uma rede de apoio e representatividade e ajuda de uma mulher para outra, buscando através de suas práticas a emancipação das suas mentes e corpos.

Os relatos orais, possibilitaram aprofundar os conhecimentos em relação às práticas destas mulheres, tendo com entrevistadas duas líderes de

Terreiros no Município de Cametá de nome Dona Isabel e Dona Graça, as quais foi possível observar e vivenciar e aos métodos utilizados por estas mulheres na execução de suas atividades.

O presente trabalho possibilitou dentro das suas perspectivas, entender com dá-se o processo de organização de cada Terreiro, tendo em vista que cada espaço tem formas distintas de realizar seus festejos, celebrações e práticas. Mas em relação às atividades religiosas dessas mulheres trabalham com as funções de curandeira, benzedeira, auxiliado e ajudando aqueles que vêm em busca de seus serviços.

São Mulheres, que através de suas vivências, potencializaram sua força, sabedoria e habilidade, em suas práticas dentro e fora do terreiro, que lhes possibilitaram independência e emancipação, pois não se sujeitaram às estruturas patriarcais que tentam cotidianamente impor suas vontades e ideias.

Diante das abordagens deste estudo, foi possível perceber que essas mulheres são exemplos de como as religiões de matrizes africanas possibilitam a valorização e o empoderamento feminino. Porque mesmo diante de todas as lutas e desafios que enfrentaram em suas vidas, se mantêm fortes para enfrentar todos os tipos de opressão, oriundas do racismo, machismo e da intolerância religiosa. É através desse fortalecimento que essas mulheres, mantêm viva, embora por meio de lutas constantes, sua fé religiosa, tornando-se Símbolos de representatividade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Claudete Ribeiro de. **"Sou fundadeira dessa cidade": identidade, resistênciase empoderamento feminino na umbanda goianiense** /Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católicade Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2020.464 f.: il.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **Teologia de Umbanda e suas dimensões**. São Paulo: Anúbis, 2016.

BASTOS, Ivana Silva. **Mulheres labas: liderança, sexualidade e transgressão no candomblé**. João Pessoa, 2011. 158 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2011

BERTH, JOICE. **Empoderamento**. São Paulo: Polen, 2019.
BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CABRAL, Valbeci Alves. Da cidade histórica à cidade documento: políticas públicas e valorização do patrimônio histórico-cultural na cidade de Cametá-Pa. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. **A maternidade simbólica na religião afro/brasileira: socioculturais da mãe-de-santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará**. Fortaleza, 2009. 251 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

COSTA, Ana Alice. **As donas no poder. Mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/Ufba e Assembléia Legislativa da Bahia**. 1998 (Coleção Bahianas, vol.2).

LUCAS, Taissa Tavernard de. "Revisitando o Tambor das Flores" – A Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiro do Estado do Pará. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2003 (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

DOMINGOS, R.F; CUNHA JUNIOR, H. **Pedagogias orais nas religiões afrodescendentes em Juazeiro do Norte-CE**. In: CUNHA JÚNIOR, H.C.; SILVA, J. da.; NUNES, c. (org.) **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza. Edições UFC, 2011. p. 155-167.

FONSECA, Alexandre Brasil e ADAD, Clara Jane. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares / Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos**

Humanos ; organização, Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. –Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.146 p.

FREITAS, Rhana Beatriz Maia de. A Cabanagem em Cametá (1835-1840): Outros Olhares e Novas Abordagens nos Discursos e Conteúdos Escolares. Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Universidade Federal do Pará, Cametá; Pará, 2021 (Texto de Qualificação de Mestrado).

GOMES. Raphael Fernandes. “**arreda homem, que aí vem mulher!**” – **as pombagiras de umbanda e o empoderamento feminino**. Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy

JARDIM, Tatiana. **Umbanda: História, cultura e resistência**– Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

BARBOSA, Mário Médice Costa. A invenção da cidade invicta: Entre a ação e a memória do anti-cabano Padre Prudêncio e da Samaumeira como símbolo do orgulho cametaense. Monografia. Universidade Federal do Pará, 1999.

MELO, Neusiane de Nazaré Coelho de. **O Corpo afroreligioso e sua teias de significações: entrelaçando saberes e práticas de resistência da cultura afroreligiosa em Cametá-PA** / Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins Cametá, Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Cametá/PA, 2017.

MOITA,Paula. **mulheres de axé1: relação de gênero e empoderamento no terreiro de umbanda**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13thWomen’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017,ISSN 2179-510X.Disponivem em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499134116_ARQUIVO_artigoMulheresdeAxe.pdf

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e Educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra**. São Paulo, 2008. 213 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2008

Pereira, Decloma Lobato.**O candomblé no Amapá: imigração e hibridismo cultural** / Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; FERNANDES FILHO, José. **Ciência e Motricidade humana: um novo espaço para o debate das relações de gênero**. Buenos Aires: Revista Digital, setembro de 2008.

PETIT, S. H.; ALVES, M. K. F. **Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: Conexões entre corpos e árvores**

afroancestrais. In: MACHADO, A. F.; ALVES, M. K. F.; PETIT, S. H. (org.) Memórias de Baobá II. Fortaleza: Imprece, 2015. p. 125-145.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Desvendando Traços Culturais da Região do Tocantins/Pará. IN: **Pesquisa Inclusão, Diversidade e Educação: perfil educacional de povoações remanescentes de quilombolas da região do Tocantins, no Pará. MEC/UNESCO.** Cametá - Pará 2005. Relatório de Pesquisa, Tópico Turismo.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas da Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia tocatina.** Belém: Açai, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolo de poder feminino em povoados amazônicos.** Belém: Paka-Tatu, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Dossiê Teoria Política Feminista • Rev. Sociol. Polit. 18 (36) • Jun 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r>

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? Projeto História. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. **Umarizal da Umbanda, das Mulheres Negras e seus Ofícios (Amazonia, Belem Pará Meados do XX).** Revista sentidos da cultura, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/3220>

SANTOS, Beatriz Ricarte. **obínrin odara: o ativismo político afro-religioso das mulheres de umbanda e candomblé do ceará.** Dissertação(mestrado)-Uniservidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018, 99.:il.color

SANDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista.** Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em 02 de out. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** 1989. New York, 2006.

SHARMA, Kumud. **Grassroots organizations and women's empowerment: Some issues in the contemporary debate.** Samya Shakti, v. 6, p. 28-43, 1992. Apud BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. En Magdalena León, Poder y empoderamiento de las mujeres. T/M Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997, pp.187-211.

SANTOS, Daniela Cordovil Correa dos. **Religiões de Matriz Africana no Pará: Entre a Política e o Ritual.** Paralellus, Recife, ano 3, n.5, jan./jun.2012, p.59-73.ISS:2178-8162.